



**BB ASSET
MANAGEMENT**

**Busque mais para
os seus investimentos**

BBGO11



Relatório Gerencial
BB Fundo de Investimento de Crédito FIAGRO Imobiliário

Abril - 2025

INFORMAÇÕES GERAIS

O BB FIAGRO é um fundo de investimento que investe em ativos como CRA, LCA, CRI e Debêntures, desde que todos estejam vinculados ao Agronegócio. Os rendimentos do fundo são isentos de imposto de renda.

O fundo tem como objetivo superar o CDI através do investimento em uma carteira de crédito privado de alta qualidade, contando com a expertise do Banco do Brasil no setor de agronegócios. A isenção de imposto de renda torna o produto ainda mais atraente em uma indústria que representa cerca de um terço de todas as exportações do Brasil.

Ticker	Patrimônio Líquido	Nº de Cotistas	Quantidade de Cotas
BBGO11	R\$371.119.639,39	11.876	4.005.164
CNPJ	Data de Início	Taxa de Administração	Taxa de Performance
42.592.257/0001-20	17/dez/21	0,85% a.a.	10% sobre excesso CDI+1% a.a.
Administrador e Gestor	Consultor	Custodiante	Auditor
BB Asset Management	Banco do Brasil SA	Banco do Brasil	KPMG

Resultados – Abril/2025

Rendimento por cota	Dividend Yield	Nº de Negócios	Volume Negociado
R\$0,95	1,42%	6.856	R\$5.227.406,31
	Receitas	Despesas	
	R\$5.668.072,91	-R\$358.902,17	

COMENTÁRIO DO GESTOR

As perspectivas para os principais setores do agronegócio brasileiro são amplamente positivas para o ano de 2025, impulsionadas por uma recuperação econômica favorável, demanda externa aquecida e avanços tecnológicos. As exportações brasileiras de soja em grão registraram um crescimento de 6,3% em comparação ao mesmo mês de 2024, devido à retomada da demanda chinesa, consolidando o Brasil como o maior fornecedor global. A produção de milho apresenta projeções otimistas, com aumento na área plantada e na produtividade. A demanda interna, especialmente para ração animal e produção de etanol, continua sustentando os preços. O setor sucroalcooleiro enfrenta um cenário de estabilidade na moagem de cana, aumento na produção e exportação de açúcar. A competitividade com a gasolina e impactos climáticos que afetam a produtividade continuam trazendo desafios para o etanol. A demanda global por alimentos e commodities agrícolas favorece o Brasil, consolidando sua posição como um dos principais atores no mercado internacional.

Agrogalaxy: O ativo estava totalmente provisionado, com negociação complexa entre credores e empresa. As propostas apresentadas pela empresa não foram consideradas atrativas, e caso continuássemos com o ativo, teríamos um hair cut de 85% em uma nova emissão com vencimento em 10 anos indexados à TR. Diante dessas condições, decidimos vender 100% da nossa posição.

Lavoro Agro: É um emissor que estamos monitorando mais de perto. A empresa enfrenta um cenário desafiador devido a ajustes estratégicos e busca por estabilidade financeira. No primeiro trimestre do ano fiscal de 2025, registrou um prejuízo de R\$267 milhões, aumento de 232% em relação ao mesmo período do ano anterior. Esse resultado levou à revisão das projeções de receita para o ano, estimadas entre R\$6,5 bilhões e R\$7,5 bilhões, abaixo das expectativas anteriores. A empresa também anunciou a otimização da rede de varejo com fechamento de 70 lojas no Brasil, representando cerca de 31% de suas unidades no país e racionalização de custos fixos, com expectativa de resultados a partir do próximo semestre.

Rendimentos: O BBGO vem apresentando um bom desempenho nos primeiros meses de 2025, resultando em um aumento na distribuição mensal de rendimentos aos cotistas. Esse desempenho positivo está em grande parte associado à diversificação, tanto dos emissores quanto dos indexadores da carteira. A composição da carteira consiste em 36% de ativos indexados ao IPCA e 64% de ativos indexados ao CDI. Em abril, foi anunciada a distribuição de R\$0,95 por cota, representando um Dividend Yield de 1,44% sobre o valor de mercado. Continuamos a monitorar o mercado primário e secundário com o intuito de renovar/diversificar a nossa carteira. No mês de abril fechamos com alocação em 40 emissores de CRA, distribuídos em 43 emissões.

REMUNERAÇÃO DOS CRAS

Considerando as taxas de remuneração dos ativos na carteira do BBGO11, os CRAs e FIDCs são atrelados ao IPCA, CDI e Prefixado. Dessa forma, a remuneração considerando as taxas médias de aquisição e taxas de mercado se dividem conforme gráfico abaixo:

Ativo	% Alocado (% do PL)	Taxa Média Compra	Taxa Média a Mercado
IPCA +	32,46%	6,81%	9,57%
CDI +	47,79%	2,99%	2,99%
% CDI	8,55%	105,95%	102,76%
Prefixado	0,88%	11,96%	14,21%
Operação Compromissada	10,32%	100%CDI (-) IR	100%CDI (-) IR

COMPOSIÇÃO DA CARTEIRA

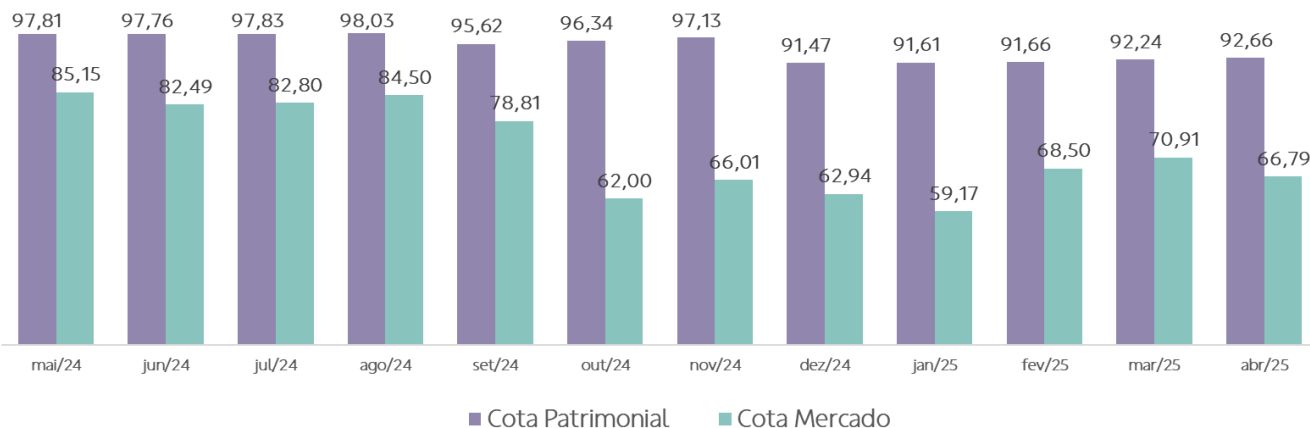
Data Compra	Vencimento	Qtde	Financeiro	%	Índice	Taxa Compra	Taxa Mercado	Código CETIP
05/11/2024	16/10/2034	12.000	R\$ 12.120.389,14	3,23%	CDI	1,60%	1,50%	CRA0240099E
ELDORADO								
18/01/2023	15/09/2027	7.163	R\$ 8.667.890,10	2,31%	IPCA	6,90%	8,93%	CRA021002YB
22/03/2022	15/09/2027	4.000	R\$ 4.840.368,62	1,29%	IPCA	6,62%	8,93%	CRA021002YB
20/09/2023	15/09/2027	5.025	R\$ 6.080.713,07	1,62%	IPCA	7,09%	8,93%	CRA021002YB
CEREAL								
14/11/2024	16/11/2029	10.000	R\$ 10.532.984,31	2,81%	CDI	1,10%	1,28%	CRA02400AHV
GDM GENÉTICA								
16/03/2022	21/12/2026	2.400	R\$ 1.274.607,18	0,34%	CDI	1,40%	1,08%	CRA021001KA
18/03/2022	21/12/2026	3.300	R\$ 1.752.584,87	0,47%	CDI	1,50%	1,08%	CRA021001KA
COCARI								
24/03/2022	17/12/2026	10.000	R\$ 5.055.585,68	1,35%	CDI	5,35%	4,73%	CRA021005KX
FS BIO								
30/03/2022	18/02/2026	5.000	R\$ 2.527.917,15	0,67%	CDI	1,50%	3,65%	CRA022001E1
28/04/2023	15/10/2029	2.000	R\$ 1.992.820,93	0,53%	CDI	2,90%	3,20%	CRA02300795
26/03/2025	17/03/2031	10.000	R\$ 9.881.974,81	2,63%	CDI	3,00%	3,48%	CRA0250012Y
FIAGRIL								
29/03/2022	24/12/2025	1.397	R\$ 1.195.833,50	0,32%	CDI	4,50%	4,50%	CRA021005LZ
29/03/2022	23/12/2026	499	R\$ 657.761,74	0,18%	CDI	5,00%	3,97%	CRA021005M0
11/01/2023	11/08/2027	5.000	R\$ 1.041.631,70	0,28%	CDI	4,50%	8,82%	CRA022007KF
DORI								
08/04/2022	15/04/2027	20.000	R\$ 22.567.362,12	6,01%	IPCA	6,20%	9,16%	CRA022003E9
NEOMILLE								
18/04/2022	17/04/2029	20.000	R\$ 20.853.142,34	5,56%	IPCA	6,23%	9,67%	CRA021005W1
RODOIL								
29/04/2022	09/03/2027	14.300	R\$ 13.667.642,68	3,64%	CDI	3,00%	4,34%	CRA022002XP
NARDINI								
16/05/2022	17/04/2028	20.000	R\$ 21.991.004,71	5,86%	IPCA	7,47%	9,67%	CRA022004H5
C VALE								
17/05/2022	15/04/2027	10.000	R\$ 7.325.026,83	1,95%	IPCA	7,18%	10,05%	CRA022003PD
BEM BRASIL								
25/05/2022	15/05/2029	7.163	R\$ 7.913.758,39	2,11%	IPCA	6,53%	8,74%	CRA022003JT
USINA CERRADÃO								
03/06/2022	15/05/2028	15.000	R\$ 16.592.624,92	4,42%	IPCA	6,99%	10,19%	CRA022004XY
CARAMURU								
18/07/2022	16/07/2029	2.000	R\$ 2.100.418,59	0,56%	IPCA	7,20%	11,14%	CRA022006BU
EXPOCACER								
15/07/2022	29/05/2026	2.700	R\$ 1.927.003,33	0,51%	CDI	4,50%	4,24%	CRA02200798
FUTURA AGRO								
19/07/2022	16/06/2025	7.000	R\$ 1.904.473,27	0,51%	CDI	5,00%	4,82%	CRA022006N6
CORURIFE								
28/07/2022	09/07/2027	20.000	R\$ 8.866.642,59	2,36%	CDI	1,50%	1,68%	CRA022007VI
23/01/2025	25/11/2030	496	R\$ 3.087.841,95	0,82%	CDI	4,95%	4,95%	CRA02400ECT
UBYFOL								
20/09/2022	17/07/2028	3.000	R\$ 2.862.634,11	0,76%	IPCA	8,83%	12,03%	CRA02200817

COMPOSIÇÃO DA CARTEIRA

Data Compra	Vencimento	Qtde	Financeiro	%	Índice	Taxa Compra	Taxa Mercado	Código CETIP
ALCOESTE								
29/09/2022	20/09/2027	3.000	R\$ 3.011.934,00	0,80%	CDI	3,50%	3,50%	CRA022008YD
14/11/2023	20/09/2027	2.000	R\$ 2.007.956,00	0,54%	CDI	3,85%	3,50%	CRA022008YD
FAZENÃO								
30/09/2022	15/09/2025	5.000	R\$ 5.014.172,01	1,34%	CDI	2,00%	2,70%	CRA022009Q7
06/01/2023	15/09/2025	5.000	R\$ 5.014.172,01	1,34%	CDI	2,30%	2,70%	CRA022009Q7
13/02/2023	15/09/2025	4.972	R\$ 4.986.092,65	1,33%	CDI	2,30%	2,70%	CRA022009Q7
CRESOL								
28/10/2022	15/12/2027	5.974	R\$ 3.214.426,26	0,86%	CDI	2,95%	1,57%	CRA0220099D
GIRASSOL								
04/11/2022	19/10/2026	10.000	R\$ 10.043.444,02	2,68%	CDI	2,40%	2,40%	CRA02200AHU
COOPERTRADIÇÃO								
22/12/2022	15/06/2026	6.000	R\$ 3.617.258,90	0,96%	CDI	3,00%	3,18%	CRA02200D4E
VICUNHA								
13/02/2023	16/08/2027	1.000	R\$ 1.032.492,62	0,28%	CDI	2,10%	1,75%	CRA022008C2
OLFAR								
04/04/2023	15/03/2029	3.000	R\$ 3.072.615,25	0,82%	CDI	3,00%	2,03%	CRA023003JX
COAGRIL								
04/05/2023	27/12/2027	2.000	R\$ 1.317.808,07	0,35%	CDI	4,70%	4,78%	CRA023006SH
SIERENTZ								
05/05/2023	13/03/2030	4.000	R\$ 2.918.847,26	0,78%	CDI	3,80%	3,80%	CRA023004BL
01/11/2023	13/03/2030	4.000	R\$ 2.918.847,26	0,78%	CDI	3,80%	3,80%	CRA023004BL
14/11/2023	13/03/2030	2.233	R\$ 1.629.446,48	0,43%	CDI	3,67%	3,80%	CRA023004BL
02/02/2024	13/03/2030	10.000	R\$ 7.297.118,15	1,94%	CDI	3,75%	3,80%	CRA023004BL
ALIANÇA AGRÍCOLA								
12/07/2023	15/05/2028	9.700	R\$ 9.874.250,84	2,63%	CDI	5,00%	4,08%	CRA02300CI2
BTG PACTUAL								
31/08/2023	15/09/2033	3.640	R\$ 3.313.678,21	0,88%	PRE	11,96%	14,21%	CRA02300HWK
MINERVA								
04/12/2024	16/11/2029	5.000	R\$ 5.307.276,56	1,41%	%CDI	105,00%	102,81%	CRA02400AYL
CAPAL								
01/12/2023	17/05/2029	1.667	R\$ 1.673.367,69	0,45%	CDI	3,50%	1,97%	CRA02300Q8I
09/04/2024	17/05/2029	3.333	R\$ 3.345.731,56	0,89%	CDI	3,50%	1,97%	CRA02300Q8I
LAVORO								
22/12/2023	22/12/2027	9.000	R\$ 9.034.760,24	2,41%	CDI	3,00%	3,00%	CRA02300TBL
USINA SANTA FÉ								
28/03/2024	17/12/2029	669	R\$ 693.439,71	0,18%	CDI	4,00%	2,63%	CRA024002MM
PRIME AGRO								
28/06/2024	19/06/2030	5.000	R\$ 5.016.569,52	1,34%	CDI	3,50%	3,50%	CRA024006N5
CAMIL								
19/06/2024	15/06/2029	10.913	R\$ 11.440.772,46	3,05%	%CDI	109,00%	102,75%	CRA0240066A
19/09/2024	15/06/2029	14.620	R\$ 15.327.049,69	4,08%	%CDI	104,00%	102,75%	CRA0240066A
UPPERDOG								
19/11/2024	20/11/2029	5.000	R\$ 5.032.588,02	1,34%	CDI	2,30%	0,00%	CRA02400AHU
INTEGRADA COOPERATIVA								
20/02/2025	15/05/2029	4.000	R\$ 4.110.096,27	1,10%	CDI	2,35%	2,35%	CRA025000MJ
FIDC URA AGRO								
		5.898	R\$ 5.939.984,64	1,58%	CDI	4,75%	4,75%	4571424S11

Evolução da cota patrimonial x cota de mercado

No mês de abril, a carteira do BBGO11 observou 81,13% em Certificados de Recebíveis Agrícolas (CRA) e, neste sentido, um aumento da liquidez para 18,87% da carteira em liquidez (operações compromissadas e caixa). Os ativos atrelados ao IPCA somavam 32,46% dos CRAs, ao CDI 56,33% e prefixados 0,88%, diversificados em 40 diferentes emissores.

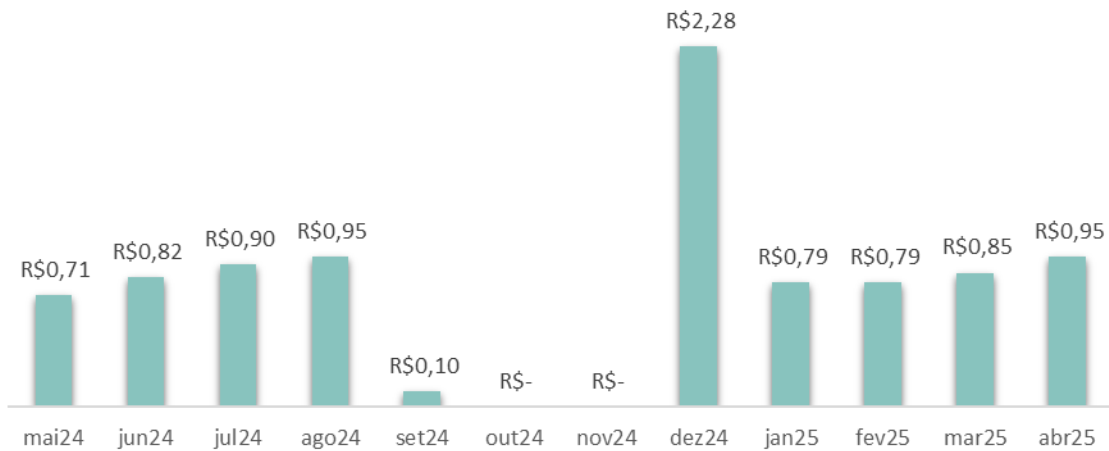


Demonstrativo de Resultado

DRE (R\$ Milhões)	nov2024	dez2024	jan2025	fev2025	mar2025	abr2025
Receitas	3,05	-3,87	3,91	3,73	6,06	5,67
Rendimento CRA	3,30	3,93	4,21	4,17	4,21	3,96
MTM CRA	-0,32	-1,32	-0,70	-1,26	-0,45	2,82
Outras Receitas	0,32	-6,49	0,40	0,82	2,29	-1,12
Despesas	-0,33	-0,34	-0,36	-0,34	-0,35	-0,36
Taxa de Administração	-0,18	-0,19	-0,14	-0,18	-0,17	-0,18
Outras Despesas	-0,15	-0,15	-0,22	-0,17	-0,18	-0,18
Resultado Líquido	2,72	-4,21	3,55	3,39	5,71	5,31
Distribuição	0,00	9,13	3,16	3,16	3,80	3,80
Resultado por cota (R\$)	0,68	-1,05	0,89	0,85	1,42	1,33
Distribuição por cota (R\$)	0,00	2,28	0,79	0,79	0,95	0,95

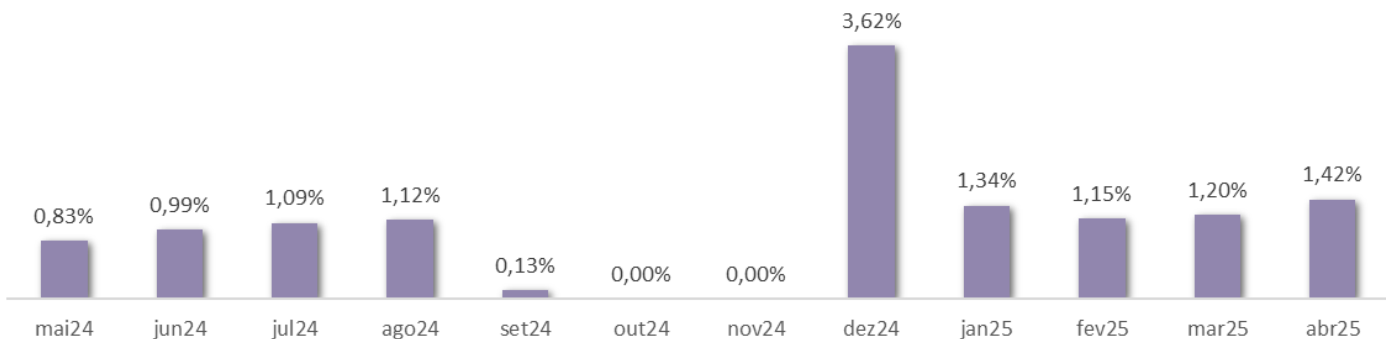
Rendimentos Mensais

Dividendos (mensal)



Em abril, a variação da cota de mercado aumentou o descasamento do valor de mercado do fundo em relação à cota patrimonial, com margem de atratividade de 38,73% para negociação do Fundo no mercado secundário. O dividend yield do Fundo foi de 1,42%, equivalente a uma rentabilidade bruta de 157,6% do CDI, que rendeu 1,06%.

Dividend Yield da Carteira (mensal)

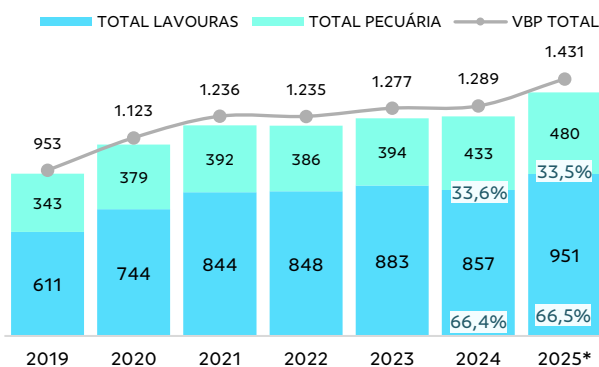


Comentário do Consultor de Análise de Crédito

Valor Bruto da Produção

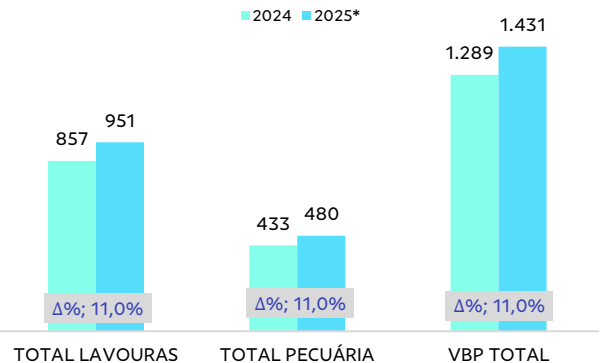
O Valor Bruto da Produção Agropecuária (VBP) estimado para 2025 é de R\$ 1,431 trilhão no ano, o que sinaliza avanço anual de 11% no faturamento das atividades produtivas no campo, de acordo com análise da Secretaria de Política Agrícola do Ministério da Agricultura e Pecuária, em valores deflacionados pelo IGP-DI da Fundação Getúlio Vargas – FGV, de março de 2025. Destaca-se que o bom desempenho esperado vem tanto da atividade pecuária como das lavouras.

VBP da Lavoura e Pecuária



* Previsão - valores reais - deflacionados pelo IGP-DI de mar/25
 Fonte Preços: Cepea/Esalq/USP, CONAB e FGV/FGVDados
 Fonte: Min. Agricultura
 Elab.: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

VBP Agropecuária



* Previsão - valores reais - deflacionados pelo IGP-DI de mar/25
 Fonte Preços: Cepea/Esalq/USP, CONAB e FGV/FGVDados
 Fonte: Min. Agricultura
 Elab.: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

De maneira geral, o aumento no Valor Bruto de Produção (VBP) segue sob influência do clima mais ameno, comparativamente ao ciclo anterior, o que tem beneficiado o desenvolvimento da atividade pecuária e o rendimento das safras agrícolas, inclusive com recorde previsto na produção de grãos.

No caso das lavouras, além do avanço na produção em várias culturas, os preços também favorecem a estimativa de faturamento para o período, com *commodities* como café apresentando cotações excessivamente valorizadas, enquanto outras representativas, como milho, já mostram importante recuperação. No entanto, há que se considerar que sobretaxações estadunidense em produtos importados podem influenciar na dinâmica de preços das *commodities* agrícolas ao longo do ano.

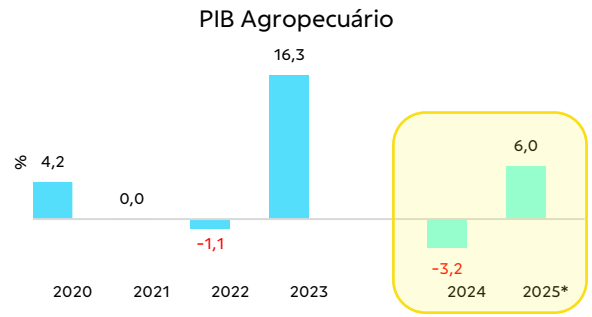
Na pecuária, os preços mais majorados das proteínas bovina, suína e aves também somam-se ao avanço da produção para apoiar a expectativa de crescimento do VBP em 2025. No caso dos bovinos, há que se considerar, no entanto, que é esperada oferta mais restrita de animais para abate ao longo do ano, em decorrência da mudança do ciclo da pecuária, o que limita a produção mas estimula preços no setor.

A produção leiteira, por sua vez, apresenta incremento mais modesto no VBP de 2025, próximo à estabilidade (0,6%). Ainda que a recuperação da renda das famílias tenha favorecido incremento na demanda de lácteos, a indústria encontra limitações ao seu crescimento, dada a oferta mais restritiva de insumos à indústria, em contexto de baixos investimentos para ampliação da produtividade no campo. Nesse caso, o atendimento da demanda interna por leite cru na indústria e por produtos lácteos ao consumidor final têm ocorrido por fortes incrementos nos volumes de importados.

PIB Agropecuário

Após um ano de retração da produção agropecuária, impactada por condições climáticas desfavoráveis da safra 2023/24, o PIB agropecuário fechou 2024 em queda de 3,2%.

Para a safra 2024/25, por sua vez, a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) espera uma produção recorde de grãos no país, em linha com o clima mais ameno até então observado, o que dá sustentação para estimar crescimento de 6,0% no PIB agro de 2025.



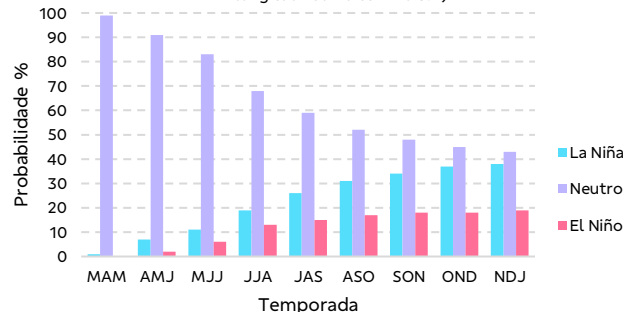
*Projeção
 Fonte: IBGE e BB Assessoramento Econômico (cenário de 02.05.2025)
 Elab.: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Aspectos Climáticos

Na região do Oceano Pacífico Equatorial, onde desencadeiam o fenômeno La Niña, as temperaturas da superfície seguem em torno da média, confirmando o fim do período de La Niña e indicando predomínio do estado de neutralidade climática que, de acordo com a previsão mais recente do *National Oceanic and Atmospheric Administration (NOAA)*, de 21 de abril, deverá se estender até o último trimestre de 2025 e início de 2026. Porém, probabilidades de novo La Niña cresce de forma gradual ao longo do semestre, aventando possibilidades de novo evento no próximo ano. Vale destacar que neutralidade climática não é normalidade, apenas indica que o clima não está sendo influenciado pelos padrões do El Niño ou La Niña.

Probabilidade Evento ENOS – Abril de 2025

(Condição ENOS neutro: entre -0.5°C e 0.5°C - limitação longitudinal Índice Niño 3.4)

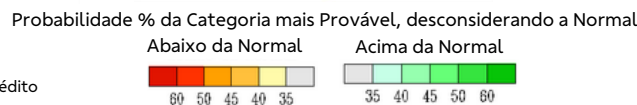
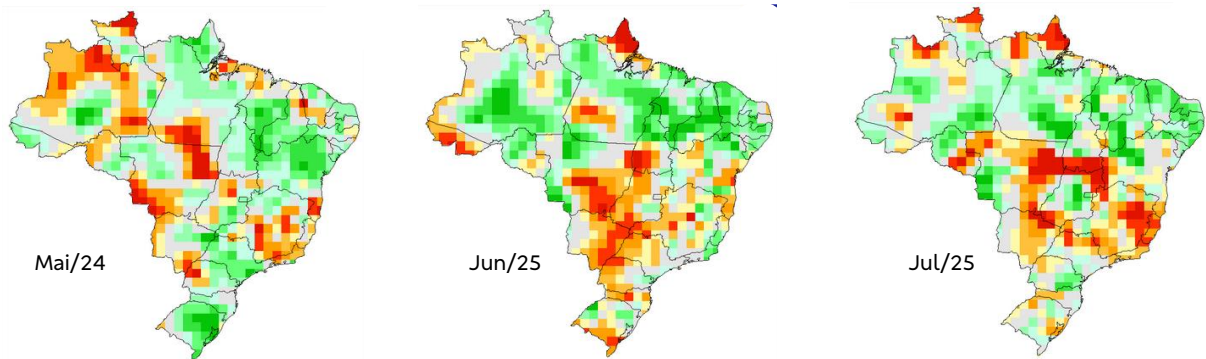


Fonte: National Oceanic and Atmospheric Administration - NOAA
 Elab.: Banco do Brasil / Diretoria de Crédito

Precipitação

Para os próximos meses, as previsões do Instituto Nacional de Meteorologia (INMET) indicam intensidades menores de chuva em várias regiões brasileiras, em linha com o início de período mais seco do ano, especialmente nas regiões Sudeste e Centro-Oeste. Além da estiagem mais acentuada, ondas de calor mais intensas poderão ainda ser sentidas, como efeito dos fenômenos climáticos que afetaram o clima mundial nos últimos dois anos (El Niño e La Niña).

Probabilidade de Precipitação Total (mm)



Fonte: INMET
 Elab.: Banco do Brasil / Diretoria de Crédito

Destaques – Produção de Grãos

De acordo com o 7º Levantamento da Safra de Grãos 2024/25, de abril de 2025, publicado pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), as condições climáticas da temporada 2024/25 continuam apontando para um ciclo mais favorável às lavouras, com previsão de acréscimo de 10,9% no volume de produção, frente ao período anterior (2023/24). Permanece o indicativo da instituição de ser a maior safra de grãos da história.

As culturas de verão de primeira safra já estão em fase final de colheita, com destaque para as lavouras de soja, milho e arroz. O cultivo está estimado em 81,7 milhões de hectares, o que representa incremento de 2,2% de área em relação à safra anterior.

As estatísticas de produtividade continuam apontando recuperação, com estimativa de 8,6% de crescimento frente à temporada passada.

Soja

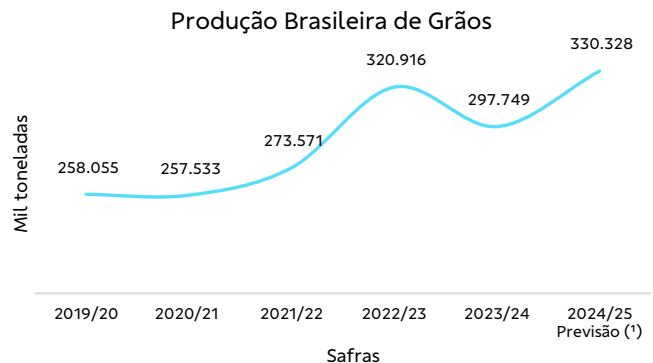
A colheita da safra 2024/25 de soja está avançando e segue adiantada em quase todas as regiões produtoras, à exceção do Mato Grosso do Sul, onde as chuvas abaixo da média têm afetado o desenvolvimento dos grãos. Até 03 de maio, a Conab apontava volume colhido equivalente a 96,3% da área plantada.

Houve revisão da produtividade no 7º Levantamento de Safra da Conab, passando a indicar incremento de 10,4% frente à temporada anterior, com 3.533 kg/ha, que, aliado ao aumento de área plantada, projeta produção recorde de 167,9 milhões de toneladas.

A melhora do clima e as chuvas mais frequentes favoreceram a produção, embora perdas pontuais tenham ocorrido em razão de riscos climáticos ainda presentes, como estiagens em regiões produtoras do Sul e Centro-Oeste. No entanto, não há indicativo de reversão da previsão de safra recorde na temporada 2024/25.

A cultura da soja continua estimulada pela demanda externa aquecida e pelo consumo interno da indústria voltado para as produções do farelo utilizado como ração animal, óleo de soja para o consumo humano e, em menor grau, para a produção de biodiesel. Esses são importantes fatores responsáveis pela manutenção da rentabilidade dos produtores agrícolas.

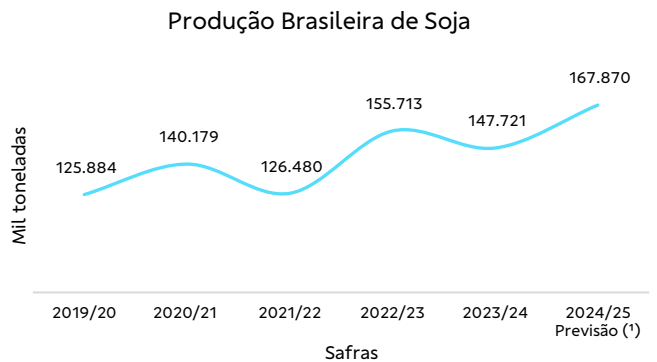
Para 2025, é previsto pela Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (Abiove) aumento na demanda da indústria, com esmagamento alcançando 57,5 milhões de toneladas, incremento de 3,0% frente ao apurado em 2024. Tal impulso deriva da elevação do consumo de óleo de cozinha (incremento de 1,0%) e ração animal (+3,4%). A suspensão da elevação da mistura de biodiesel à gasolina, que deveria ocorrer em março, foi o motivo da revisão da previsão de incremento na produção de óleo derivado da soja.



(1) Projeção.

Fonte: Conab - 7º Levantamento da Safra de Grãos 2024/25 - abr/2025

Elaboração: Banco do Brasil / Diretoria de Crédito



(1) Projeção.

Fonte: Conab - 7º Levantamento da Safra de Grãos 2024/25 - abr/2025

Elaboração: Banco do Brasil / Diretoria de Crédito

Desempenho no campo

Soja	2023/24	2024/25*
Produção (mil ton.)	-5,1%	+13,6%
Produtividade (kg/ha)	-8,8%	+10,4%
Área (ha)	+4,0%	+3,0%

*Previsão

Fonte: Conab - Projeção de Safra 2024/25.

Elaboração: Banco do Brasil / Diretoria de Crédito

Preços e Custos – Os custos das lavouras, apesar de certo alívio em relação às últimas safras, devem continuar pressionados ao longo de 2025, destacando-se aqueles referentes à aquisição de insumos, como os fertilizantes. Nesse sentido, vale destacar como principais impulsionadores do maior custo fatores como câmbio depreciado, gargalos logísticos internos e externos, e, principalmente, restrições de oferta frente a uma demanda global aquecida.

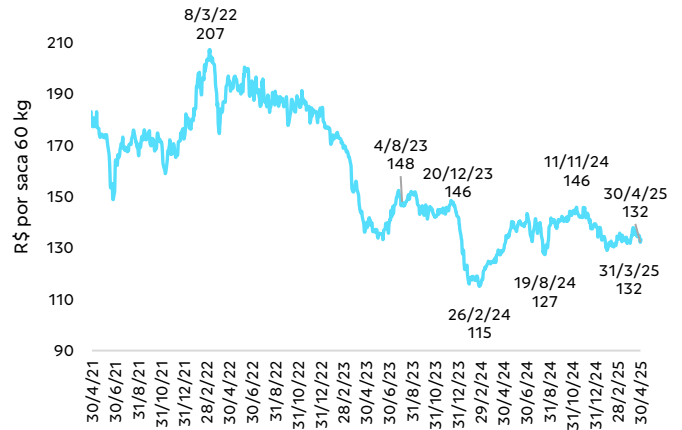
Em termos de preços, após trajetória de recuperação parcial observada ao longo de 2024, o início de 2025 tem sido marcado por queda nos preços internos em razão do quadro climático mais estável e a consequente expectativa de produção que vem se desenhando, com as colheitas em curso apresentando bons rendimentos produtivos.

Destaca-se também o grande volume colhido nos EUA que entrou no mercado no último trimestre de 2024 e a previsão de recuperação gradual da produção da Argentina, ainda sob efeito de certa estiagem e temperaturas mais elevadas. Por outro lado, a adoção de políticas protecionistas pelo governo dos EUA contra a China e outros mercados já tem afetado a dinâmica de compras de soja brasileira pelo país asiático, com reflexos positivos em preços sendo sentidos no mês de março. Ainda assim, o grande volume disponível no mercado prevaleceu para certa estabilidade dos preços no mês de abril.

Prospectivamente, os preços devem seguir apresentando certa estabilidade no curto prazo, ainda que com possibilidades de ganhos pontuais. Para o médio e longo prazo, a definição do direcionamento do mix de produção nos EUA em termos de soja e milho, assim como as condições climáticas naquele país e os desdobramentos das políticas tarifárias devem trazer mais clareza sobre a possibilidade de recuperação de preços.

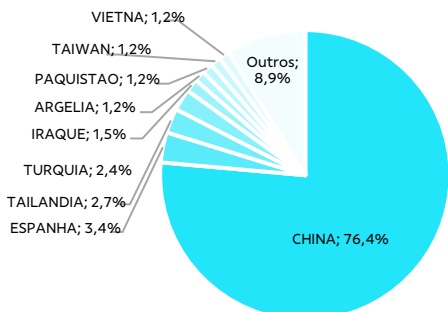
Mercado Externo – O Brasil liderou as remessas globais de soja em grãos no primeiro trimestre de 2025, com a China mantendo a posição de maior destino da *commodity* do país. Prospectivamente, recuperação da produção e demanda externa seguindo aquecida, além da possibilidade de incremento nas compras chinesas como retaliação aos EUA em razão da adoção de políticas protecionistas, devem beneficiar as vendas externas brasileiras. A Abiove prevê incremento ao redor de 9,8% para as exportações de soja em grãos no ano de 2025, em linha com o previsto pelo *United States Department of Agriculture* – USDA (incremento de 6,8%). Recentemente, já se observa incremento da demanda chinesa pela soja brasileira, refletindo preocupação dos compradores do país asiático quanto a desdobramentos da guerra comercial.

Indicador Soja Esalq/B3 - Paranaguá



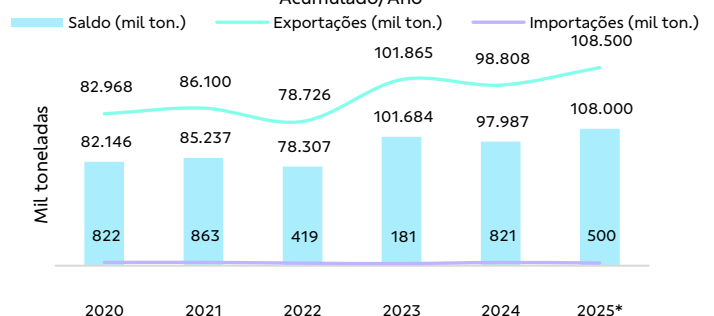
Fonte: Cepea/Esalq/USP
Elaboração: Banco do Brasil / Diretoria de Crédito

Export. de Soja em Grãos - por Destino
Acumulado - 1º Trim./2025



Fonte: Secex e Agrostat
Elaboração: Banco do Brasil / Diretoria de Crédito

Balança Comercial - Soja em Grãos
Acumulado/Ano



*2025 = Projeção Conab
Fonte: Secex e Agrostat
Elaboração: Banco do Brasil / Diretoria de Crédito

Para a indústria de derivados da soja, a Abiove, em abril, reviu as projeções iniciais de retração das exportações de farelo de 1,03%, apontadas em janeiro, para expansão de 3,4% para ao ano de 2025, mesmo que o consumo interno siga aquecido e com potencial de crescimento de 4,9%, puxado pela indústria de ração animal. Para o óleo, ainda que seja considerada a demanda interna crescente do uso alimentício e para a produção de biodiesel, as remessas para o exterior, cuja previsão até março da Abiove indicava retração para 2025, deve reverter a tendência com exportações sofrendo incremento de 1,0%. Vale ressaltar que a participação das indústrias nas exportações do complexo da soja não chegam a 20% do total exportado, sendo a soja em grãos responsável por 81,3% das remessas externas.

Em relação aos efeitos dos atuais conflitos geopolíticos em andamento, não são esperados impactos severos à cadeia produtiva, uma vez que as exportações para os países das regiões envolvidas não são expressivas, à exceção das remessas de farelo ao Irã (9,2% das exportações brasileiras em 2024).

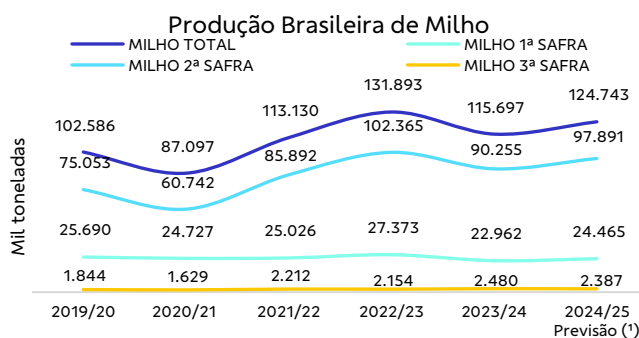
Milho

Conforme o 7º Levantamento da Safra de Grãos da Conab, a estimativa para a produção de milho na safra 2024/25 foi atualizada no último mês para 124,7 milhões de toneladas, acréscimo de 9,1 milhões de toneladas em relação ao ciclo anterior, correspondente a 7,8% de crescimento.

A primeira safra, atualmente em fase adiantada de colheita com 73,4% da área colhida até 03 de maio, teve o plantio favorecido pelas precipitações ocorridas nos meses de outubro a dezembro de 2024, ainda que irregulares em algumas regiões, permitindo a consolidação das lavouras com incremento na produtividade em 12,2% e 6,5% na produção. Destaca-se que, apesar da maior produtividade e produção na primeira safra de milho, houve redução de área plantada (5,1% inferior ao ciclo passado), diante da maior atratividade de outras culturas como soja e arroz, especialmente no estado do Rio Grande do Sul, principal produtor de milho de primeira safra.

A segunda safra, a “safrinha”, já se encontra com a semeadura concluída desde a segunda quinzena de abril. Apesar de atrasos pontuais no plantio nos estados produtores do Paraná, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso, devido ao ritmo mais lento da colheita de soja nesses estados, as condições para o plantio da 2ª safra ocorreram em normalidade, com a Conab estimando incremento da safrinha no Brasil em 2,8% na área plantada, rendimento 5,5% superior ao da temporada anterior e, conseqüentemente, aumento de 8,5% na produção.

Na temporada, o milho safrinha deverá obter boa produtividade, favorecida pelas condições climáticas mais estáveis que devem se manter durante o período de desenvolvimento do cereal, atingindo volume de produção de 97,9 milhões de toneladas.



(1) Projeção.
Fonte: Conab - 7º Levantamento da Safra de Grãos 2024/25 - abr/2025
Elaboração: Banco do Brasil / Diretoria de Crédito

Desempenho no campo

Milho 3 Safras	2023/24	2024/25*
Produção total (mil ton.)	-12,3%	+7,8%
Produtividade (kg/ha)	-7,2%	+6,5%
Área (ha)	-5,5%	+1,2%

*Previsão
Fonte: Conab – Projeção de Safra 2024/25.
Elaboração: Banco do Brasil / Diretoria de Crédito

Preços e Custos – Desde o 2º semestre de 2024, as cotações do milho iniciaram trajetória de alta, diante de um quadro de baixos estoques existentes, demanda interna aquecida e preocupações em relação ao desempenho das lavouras na primeira safra, notadamente a de milho no Rio Grande do Sul e a de soja em estados produtores de milho safrinha, tendo em vista que o atraso no plantio da soja poderia comprometer a janela de plantio da segunda safra.

No entanto, mesmo com o clima se mostrando mais ameno, indicando bom desempenho das culturas na primeira safra e expectativas de viabilidade para a safrinha de milho, as cotações mantiveram-se em alta até meados de março, haja vista a demanda interna aquecida para atender as indústrias por farelo para ração animal, biocombustíveis e alimentos.

A partir da segunda quinzena de março, o bom andamento da colheita de primeira safra e o maior volume de chuvas, melhorando as expectativas de desempenho das lavouras de segunda safra (“safrinha”), levaram a queda nos preços, embora ainda mostrando importante valorização frente às cotações dos últimos dois anos.

Em relação ao farelo de milho, os preços seguem voláteis, acompanhando o preço do grão. A retração não segue com mais força por se sustentar na crescente demanda do setor de ração animal.

A interação entre os mercados de milho e soja, que apresentam uma relação de complementaridade na oferta e substitutibilidade na demanda, também influencia os preços do farelo de milho. Além disso, fatores como taxas de câmbio, infraestrutura de transporte / armazenagem e demanda interna no Brasil desempenham um papel importante na determinação dos preços.

Destaque ainda para os efeitos associados à adoção de medidas comerciais recíprocas entre EUA e China, que já afetam a dinâmica de compras do país asiático e a capacidade de recomposição dos estoques globais da *commodity* deixando os preços mais voláteis, embora a maior clareza acerca da definição do direcionamento do mix de produção nos EUA em termos de soja e milho, assim como as condições climáticas naquele país são vetores importantes para o futuro da cotação.

Por fim, o preço do biodiesel à base de milho tende a aumentar em 2025, devido à elevação gradativa do percentual do biocombustível na mistura com diesel fóssil (ainda que venha a ocorrer com atraso, após a suspensão do aumento da mistura já em março). Outros elementos como a cotação do petróleo e da taxa de câmbio também refletem na formação do preço.

Em relação aos custos de produção no campo, não se espera grande alívio nos preços dos fertilizantes, apesar de certa descompressão em relação às últimas safras. Restrição na oferta de algumas fórmulas, notadamente fosfatados e nitrogenados, em contexto de demanda mundial crescente, tem sido o principal fator de resistência aos preços dos insumos.

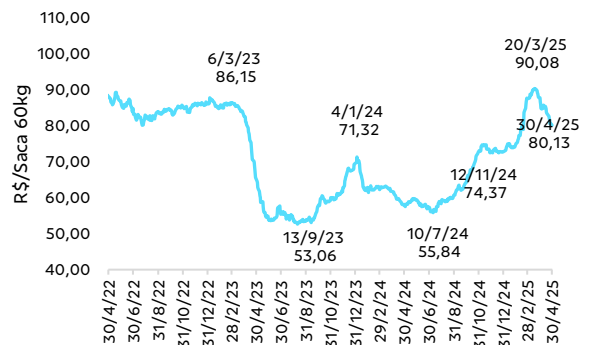
Exportações – As exportações brasileiras de milho representam aproximadamente 24,0% das exportações mundiais da *commodity*, ficando atrás apenas dos EUA. Do total das remessas externas brasileiras do complexo, aproximadamente 94,6% se refere ao milho na modalidade grão, segundo dados do primeiro trimestre de 2025. Irã e Egito representam atualmente os principais destinos das remessas internacionais do milho brasileiro, somando 56,3% das remessas no período.

Considerando-se a produção da safra 2024/25, a Conab estima que, em 2025, 34 milhões de toneladas devem sair do país via portos, sendo este volume 14,5% inferior ao da safra 2023/24, haja vista um consumo interno que se mantém aquecido, principalmente para a produção de farelo e óleo de soja para consumo da indústria alimentícia e o biodiesel como complemento da produção de etanol de cana.

Porém, com a política protecionista praticada pelos EUA, *traders* chineses podem redirecionar suas compras para o Brasil, o que traria pressões para a cadeia brasileira em termos de volume de milho disponível para negociação, possivelmente trazendo maior volatilidade às cotações.

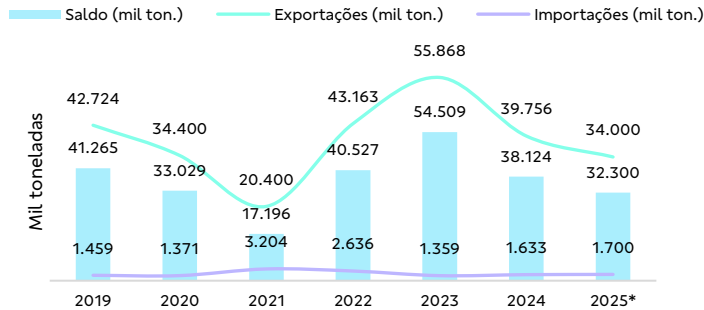
As ações militares no atual conflito no Oriente Médio, ainda que se mostrem como fator de risco adicional no cenário do comércio externo brasileiro, não deve afetar de forma direta e expressiva as vendas de milho para os países da região, exceto em relação ao Irã e, em menor grau, à Arábia Saudita, que, no acumulado do primeiro trimestre, juntos foram destinos de 39% do milho brasileiro.

Indicador do Milho Esalq/B3

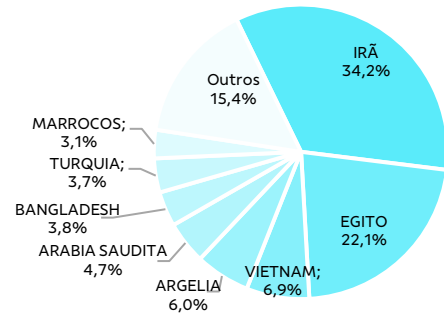


Fonte: Cepea/Esalq/USP

Elaboração: Banco do Brasil / Diretoria de Crédito

Balança Comercial - Milho
Acumulado/Ano


*2025 = Projeção Conab
Fonte: Secex e Agrostat
Elaboração: Dicre

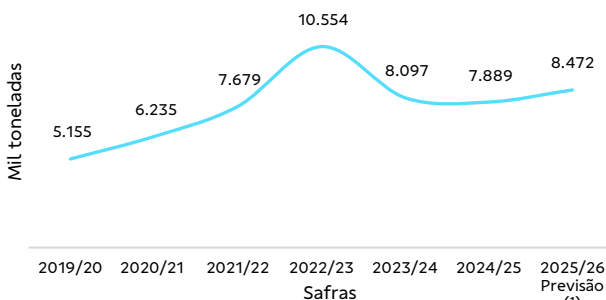
Exportações de Milho por Destino
Acumulado - 1º Trim./2025


Fonte: Secex e Agrostat
Elaboração: Dicre

Trigo

A safra 2024/25 da cultura já foi iniciada, e, em Goiás, ganha velocidade, enquanto em Minas Gerais está em fase inicial. A semeadura é concentrada em maio e junho nos principais estados produtores e a produção estimada é superior à safra anterior, projetada com expectativa de recuperação das produtividades, suportadas por tendências climáticas mais favoráveis. A área cultivada apresenta uma redução de aproximadamente 9,5% em relação à safra passada, influenciada principalmente pela diminuição no Rio Grande do Sul e, em especial, no Paraná.

No Rio Grande do Sul, algumas variáveis influenciam na incerteza de plantio, como a rentabilidade e limitações dos seguros agrícolas. Já no Paraná, a redução na área cultivada é motivada principalmente pelo desestímulo dos produtores diante dos baixos preços pagos nas últimas safras e da produtividade abaixo do potencial. Também contribuem os elevados custos de produção, especialmente com seguro agrícola, as frustrações recentes com a cultura e o aumento da área destinada à segunda safra de milho.

Produção de Trigo


(1) Projeção.
Fonte: Conab - 7º Levantamento da Safra de Grãos 2024/25 - abr/2025
Elaboração: Banco do Brasil / Diretoria de Crédito

Desempenho no Campo

Trigo	2024/25	2025/26*
Produção (mil ton.)	-2,6%	+7,4%
Produtividade (kg/ha)	+10,6%	+18,5%
Área (ha)	-11,9%	-9,3%

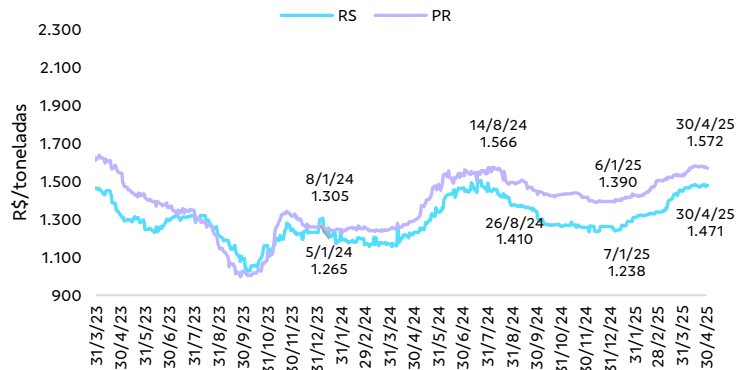
*Projeção preliminar.
Fonte: Conab - Projeção de Safra 2024/25.
Elab.: Banco do Brasil / Diretoria de Crédito

Preços e Custos – No 1º trimestre deste ano, os preços médios do trigo iniciaram trajetória de recuperação que, segundo informações do Cepea, foi impulsionado pela oferta restrita neste período de entressafra.

Já em termos de custos ao produtor no país, vale ressaltar que apesar de ter havido algum alívio de preços dos principais insumos, comparativamente ao observado em anos recentes, ainda se observa patamares historicamente altos, com algumas fórmulas ainda apresentando restrição de oferta e maior resistência nos preços.

Apesar dos custos aos produtores continuam altos, vale ressaltar que relativamente aos preços da commodity, não houve elevação dos gastos operacionais na mesma intensidade dos preços do cereal, o que representa alguma melhora de rentabilidade para o cultivo. Em que pese essa recuperação, os agentes do mercado continuam atentos não só à evolução dos preços dos insumos e do trigo, mas também aos impactos de variáveis geopolíticas, como as tarifas americanas de importação, que podem afetar a dinâmica do mercado global

Indicador do Trigo Cepea/Esalq



Fonte: Cepea/Esalq/USP
Elaboração: Banco do Brasil / Diretoria de Crédito

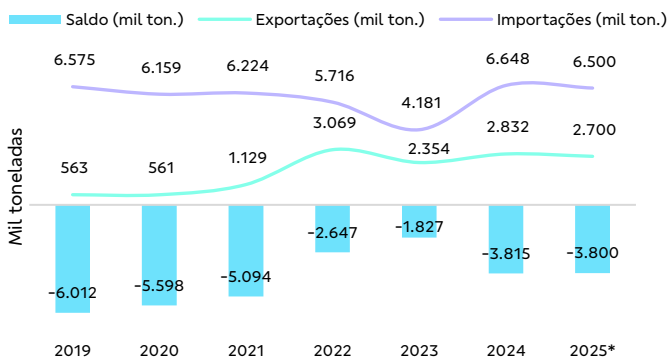
Mercado Externo – O Brasil importa historicamente a maior parte do trigo consumido, representando 45% do consumo interno em 2024, período que as importações evoluíram 59,0%, sendo a Argentina o principal fornecedor.

Para 2025, estima-se que serão adquiridos 6,5 milhões de toneladas de trigo do exterior, segundo o Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa), o que representará redução de 2,2% em relação a 2024. Essa retração tem por razão a previsão de maior produção nacional na referida temporada, período que é esperada relativa estabilidade no consumo.

Apesar do Brasil ser importador da maior parte do trigo consumido, os produtores têm melhorado as vendas para outros países, tendo em vista que parte da produção nacional não atinge o padrão de panificação, sendo destinado para ração animal, inclusive no mercado externo.

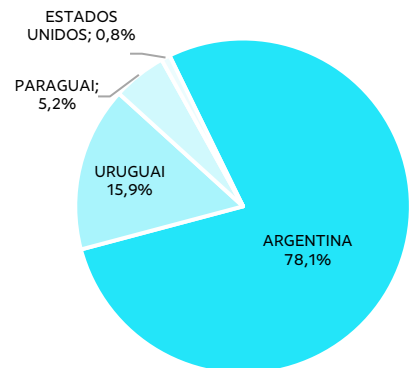
Em 2024, o avanço das exportações foi de 20,3%, atingindo 2,8 milhões de toneladas. Para 2025, a projeção do USDA é de que haja redução diante de melhora no padrão de produção.

Balança Comercial do Trigo
Acumulado/Ano



*2025 = Projeção USDA
Fonte: Secex e Agrostat
Elaboração: Banco do Brasil / Diretoria de Crédito

Importações de Trigo por Origem
Acumulado 1º Trim./2025



Fonte: Secex e Agrostat
Elaboração: Banco do Brasil / Diretoria de Crédito

Cana-de-Açúcar

O ciclo da cana-de-açúcar na safra 2025/26, iniciado em abril de 2025, tem produção estimada em torno de 663,4 milhões de toneladas, conforme levantamento da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), em abril de 2025. A apuração indicou retração de 13,5 milhões de toneladas frente à safra anterior. A temporada foi muito afetada pelas temperaturas mais elevadas e estiagem mais prolongada no final do ciclo do El Niño, além de focos de incêndio que refletiram negativamente nas áreas em desenvolvimento e de rebrota das lavouras de cana, em especial no Sudeste.

A retomada gradual das chuvas no final de 2024 e início de 2025 trouxe algum alívio às lavouras, embora riscos climáticos ainda não possam ser totalmente destacados no ano, haja vista focos pontuais de estiagem e temperaturas mais elevadas no Sudeste e Centro-Oeste. Ressalte-se que a região Centro-Sul brasileira responde por 89% da produção nacional de cana-de-açúcar.

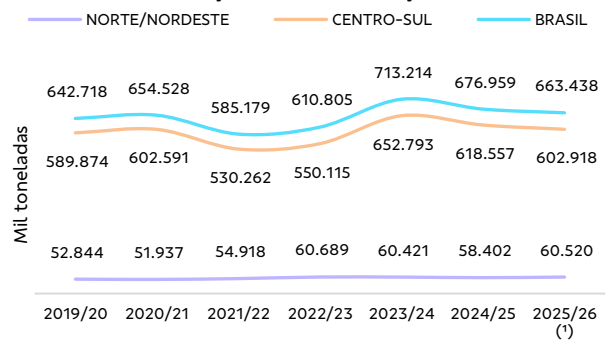
Desempenho do Setor

Cana-de-Açúcar	2024/25*	2025/26*
Produção (mil ton.)	-5,1%	-2,0%
Produtividade (kg/ha)	-9,8%	-2,3%
Produção de Derivados	2024/25*	2025/26*
Açúcar	-3,4%	+4,0%
Etanol de Cana	-1,1%	-4,2%

*Fonte: Conab

Elaboração: Banco do Brasil / Diretoria de Crédito.

Produção de Cana de Açúcar



(1) Previsão da Conab

Fonte: Conab

Elaboração: Banco do Brasil / Diretoria de Crédito

Produção de Açúcar

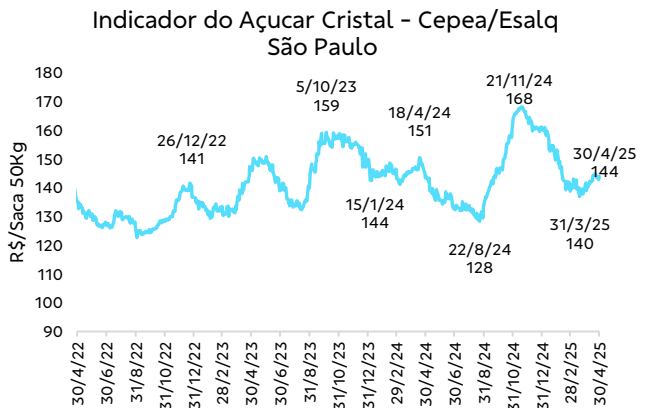
Segundo a Conab, a produção de açúcar conta com expectativa de crescimento de 4,0% na temporada, perfazendo o total de 45,9 milhões/ton do adoçante, mesmo com a produção de cana-de-açúcar menor na atual safra. O retorno das chuvas a partir do final de 2024 trouxe ao mercado a expectativa de maior extração do açúcar total recuperável da cana na safra 2025/26, permitindo ganho de produtividade e um mix ainda mais açucareiro.

A maior destinação da produção para a fabricação do açúcar, em detrimento do etanol, é motivada pela demanda externa aquecida pelo adoçante, além dos recentes investimentos das usinas em capacidade de cristalização. De acordo com especialistas do setor, a produção de açúcar deve representar cerca de 51% da cana processada na safra 2025/26 e o Brasil deverá continuar a liderança do mercado como maior produtor e exportador mundial de açúcar, com o suporte das inovações tecnológicas e práticas agrícolas eficientes, respondendo de forma robusta à crescente demanda global por açúcar.

Cotações do Açúcar – A alta apontada nos preços ao longo do segundo semestre de 2024 decorreu dos efeitos deletérios do clima sobre as lavouras de cana (estiagem e temperaturas elevadas), além de focos de incêndio pontuais em algumas das áreas produtoras do Centro-Sul brasileiro e pragas nas lavouras, o que agregou riscos às expectativas de produtividade e de oferta do adoçante naquele momento, que já convivia com uma oferta mais restrita em grandes produtores como Índia e Tailândia.

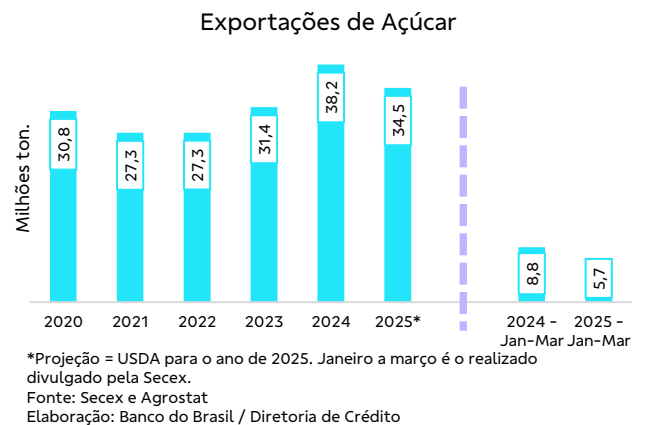
Entretanto, a retomada das chuvas no Brasil e o clima mais ameno trouxeram algum alívio aos produtores que aproveitaram as últimas semanas do ano para aumentar o processamento da cana na fase final de colheita, colaborando para a correção nas cotações.

Ademais, os preços do açúcar em 2025 vêm refletindo também a expectativa de melhor produção em importantes produtores globais. As boas projeções para a safra de cana na Índia e a melhora da produção em fornecedores, como a Tailândia e outros do hemisfério norte, já refletem em expectativa de maior oferta do adoçante.



Fonte: Cepea/Esalq/USP
Elaboração: Banco do Brasil / Diretoria de Crédito

Exportações – As remessas externas de açúcar brasileiro apresentou comportamento robusto em 2024, com exportações atingindo novo recorde anual. Entre janeiro e dezembro/24, o Brasil exportou 38,2 milhões de toneladas de açúcar, gerando receita de US\$ 18,6 bilhões. Esse volume supera em 22,4% o total exportado em 2023, que foi de 31,3 milhões de toneladas. A demanda adicional foi impulsionada pelas restrições de exportação de açúcar da Índia e pela Indonésia. Com a Índia fora do mercado internacional, o Brasil conseguiu ampliar suas exportações, aproveitando os estoques da produção recorde da safra passada.

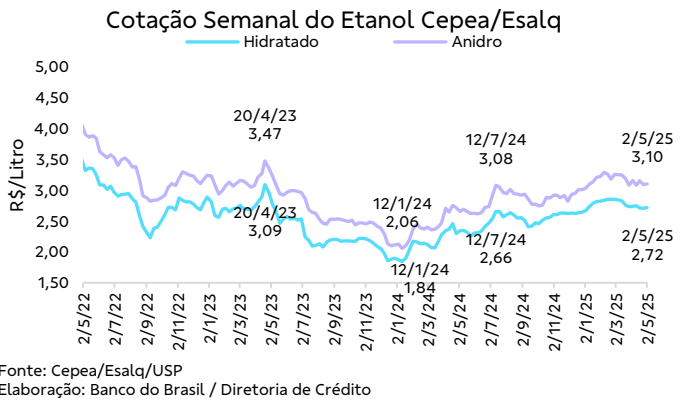


Para 2025, os primeiros levantamentos indicam tendências de retração do volume exportado brasileiro. O volume despachado no primeiro trimestre de 2025 foi 35% inferior às remessas de igual período de 2024. Todavia, estima-se que as exportações brasileiras de açúcar no ano seja a segunda maior da história, ainda que a retração anual esperada gire ao redor de 9,8%. O setor já considera os efeitos da entrada da produção indiana, tailandesa e de outros fornecedores do hemisfério norte no mercado externo, que vem se recuperando após o setor açucareiro desses países ter sido afetado pelas adversidades climáticas dos últimos anos. No caso da Índia, a ausência no mercado externo decorreu de estratégia interna do país de alterar a matriz energética, a partir da adoção de biocombustíveis, mas já foram realizadas flexibilizações a respeito. Esse contexto deve trazer algum impacto sobre o volume das remessas externas brasileiras no mercado internacional.

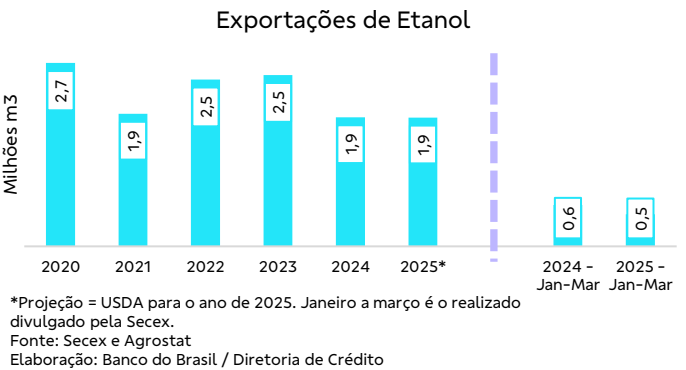
Produção de Etanóis

A produção de etanol de cana-de-açúcar na safra 2025/26 no Brasil, em valores atualizados pela Conab, apresenta tendência de retração de 4,2% no ano-safra, com montante produzido de 28,1 bilhões de litros, sendo 16,7 bilhões de litros de etanol hidratado e 11,4 bilhões de litros de etanol anidro. Essa diminuição é atribuída ao mix mais açucareiro da produção nacional, após melhora nas condições climáticas da safra de cana. Com a produção de etanol abaixo da necessidade de mercado, é esperada que a demanda seja complementada com etanol procedente do milho.

Cotações do Etanol – Os preços dos etanóis hidratado e anidro de cana apresentaram, com alguma volatilidade, trajetória próxima da estabilidade no segundo semestre de 2024, de acordo com o informado pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), e segue nessa trajetória nos primeiros meses de 2025. O comportamento das cotações reflete também a disponibilidade de etanol de milho para complemento das necessidades demandadas do biocombustível no mercado. Vale ressaltar que o milho já representa mais de 20% da composição do etanol brasileiro.



Exportações – As exportações de etanol caíram 24,7% em 2024, totalizando 1,9 bilhão de litros no ano. No primeiro trimestre de 2025, a retração foi equivalente a 22% frente a igual período do ano anterior. No entanto, a projeção para o ano de 2025 é de estabilidade.



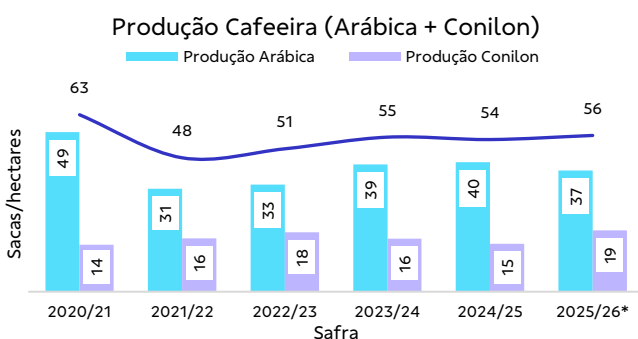
A Coreia do Sul continua como o principal destino, com 41,5% do volume exportado, seguida pelos Estados Unidos (16,5%) e Holanda (8%).

Embora a competitividade do etanol brasileiro siga em alta, o maior direcionamento da produção para o açúcar, assim como a demanda interna crescente por uma economia de baixo carbono e as adequações no balanço entre oferta e demanda nacional vêm contribuindo para a redução das remessas ao exterior.

Frente às medidas protecionistas dos EUA, ressalte-se que o etanol não se destaca na pauta de exportações brasileiras para os EUA (1,9%). Porém, o país exporta açúcar bruto, álcool etílico e açúcar refinado e a tributação pode representar ameaça para as usinas que concentram suas atividades no mercado estadunidense.

Café

No 2º Levantamento da Safra 2025/26 de Café do Brasil, de maio de 2025, a Conab aponta para produção de 55,7 milhões de sacas de café beneficiado, especialidades arábica e conilon, o que representa incremento de 2,7% da produção total de café.



(*) Projeção.
Fonte: Conab - 1º Levantamento da Safra de Café 2024/25 - jan/2025
Elaboração: Dicre

Desempenho no Campo

Café – Safra 2025/26*	Arábica	Conilon
Produção (mil ton.)	-6,6%	27,9%
Produtividade (kg/ha)	-5,1%	28,3%
Área (ha)	-1,6%	-0,7%

*Previsão
Fonte: Conab – Projeção de Safra 2025/26.
Elaboração: Banco do Brasil / Diretoria de Crédito

Apesar dos períodos de menos precipitação, restrição hídrica e altas temperaturas que antecederam as fases iniciais da floração nas lavouras (segundo semestres de 2024), sinalizando certo comprometimento do potencial da safra, e dos efeitos fisiológicos da baixa bienalidade em diversas regiões produtoras do café arábica, a estimativa da Conab no 2º Relatório de Safra, de maio de 2025, indica recuperação da produtividade quando avaliada o total da produção cafeeira (incremento de 4,1%).

O retorno das chuvas nos últimos meses de 2024, ainda que irregulares e abaixo da média em algumas regiões, amenizaram os casos pontuais de queimadas que vinham prejudicando as lavouras cafeeiras em alguns pontos dos estados de São Paulo, Paraná e Minas Gerais entre agosto e setembro de 2024, com os produtores aproveitando para expandirem as áreas de formação de novas lavouras. Porém, essas lavouras só estarão em condições produção na safra 2026/27.

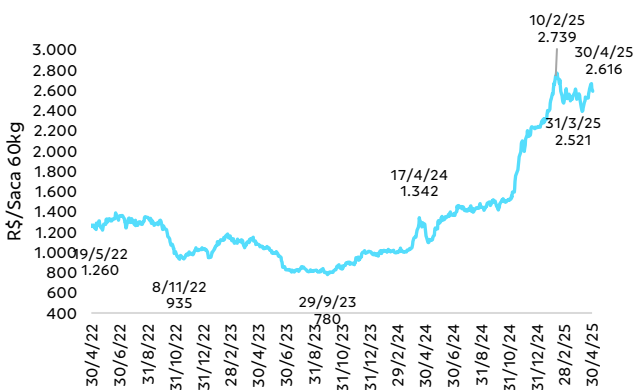
Enquanto na modalidade arábica, principal especialidade produzida, espera-se retração de produção (-6,6%) em razão do período de bienalidade negativa e dos fatores climáticos desfavoráveis observados em 2024, para a especialidade conilon é estimado incremento na produtividade e produção, em 28,3% e 27,9% respectivamente. O bom desempenho da safra de conilon decorre do prazo mais curto de desenvolvimento e maturação do grão frente ao arábica e da regularidade climática durante as fases mais críticas das lavouras (meados do segundo semestre de 2024), que beneficiaram as floradas, o desenvolvimento e a boa quantidade e qualidade dos frutos.

Cotações do Café – A trajetória ascendente nas cotações do café a partir do final de 2023, acentuando-se ao longo de 2024 e início de 2025, é fruto da queda de produção observada durante a última safra (2024/25), que levou a uma oferta mais restrita gerada em decorrência dos problemas climáticos do período.

Entretanto, até meados de fevereiro observou-se alguma queda nos preços no arábica e no conilon. No caso da especialidade conilon, a recuperação nos níveis de produção no Sudeste Asiático, mais precisamente no Vietnã e Indonésia, e a expansão prevista da produção brasileira, provocou alguma desvalorização dos preços no mercado internacional e no mercado interno. Para o arábica, a recuperação da produção na Colômbia, na América Central e em menor volume nos países africanos, haviam favorecido a queda nos preços. No entanto, as preocupações com o desempenho da safra menor de café no Brasil trouxeram recuperação dos preços do arábica ao longo de abril.

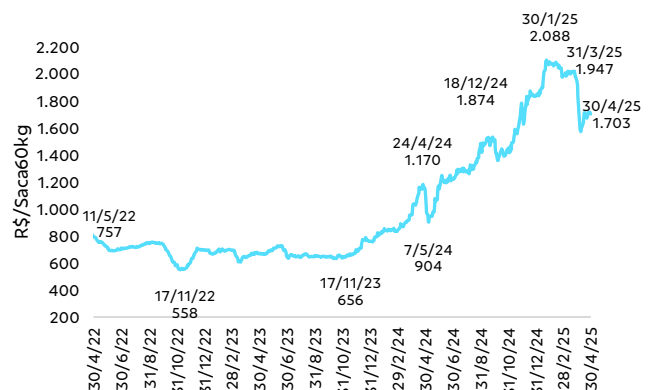
Por outro lado, as tarifas aduaneiras dos EUA podem inibir a demanda americana pelo café brasileiro, potencialmente influenciando na cotação do arábica no mercado brasileiro e mundial.

Indicador Café Arábica - Cepea/Esalq



Fonte: Cepea
Elaboração: Banco do Brasil / Diretoria de Crédito

Indicador Café Conilon - Cepea/Esalq



Fonte: Cepea
Elaboração: Banco do Brasil / Diretoria de Crédito

Após período de margens favorecidas durante 2024, a recente retração observada nos preços aos produtores, aliado aos custos com insumos e fertilizantes que ainda encontram-se elevados, começam a dar sinais de perda de força da rentabilidade no campo, ainda que os preços estejam em patamares elevados historicamente. Outro fator que tem pesado nos custos de produção são as despesas de logística interna (frete rodoviários, preços de combustíveis, baixa capacidade de armazenamento entre outros) e externa (frete marítimos mais caros, gerado pelos conflitos no Oriente Médio).

Em que pese a melhora das margens de rentabilidade no campo, a indústria brasileira beneficiadora de café, por outro lado, segue com margens mais apertadas em decorrência dos insumos encarecidos (café), refletindo negativamente na rentabilidade das empresas e em maiores preços ao consumidor final.

Exportações – Em 2024, o Brasil exportou 46,4 milhões de sacas de 60 kg de café verde, nas modalidades arábica e conilon. Esse volume corresponde a incremento de aproximadamente 30,4% na comparação com igual período de 2023, segundo os dados disponibilizados pela Secretaria de Comércio Exterior (SECEX), do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC), e compilados pelo Conselho dos Exportadores de Café do Brasil (Cecafé). A trajetória das exportações de café do Brasil superou o recorde registrado no ano de 2020, quando o país exportou 40,5 milhões de sacas de 60 kg de arábica e conilon. Adicionando as remessas de café torrado, a exportação total da cadeia produtiva do café encerrou o ano em 50,4 milhões de sacas, incremento de 12,7% frente a 2023.

Do montante exportado, segundo o Cecafé, o café arábica representou 74%, com remessa de 37,3 milhões de sacas no período. Já a especialidade conilon representou 18,7%, totalizando 9,4 milhões de sacas. Os adicionais, que representam 7,3% das exportações, correspondem as remessas de café torrado e café solúvel.

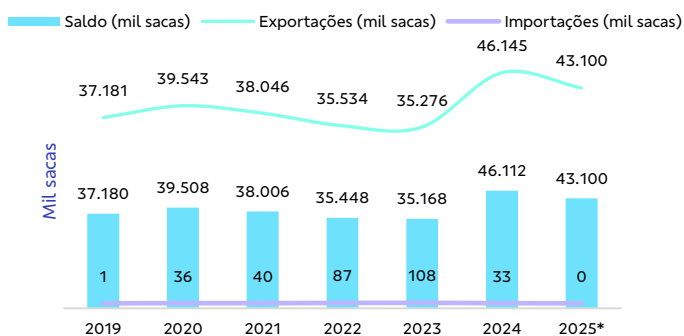
Os principais destinos das remessas externas de café em grãos são EUA (14,9% das remessas), Alemanha (14,3%), Itália (7,4%), Japão (6,2%), Bélgica (5,7%) e Turquia (4,7%).

No primeiro trimestre de 2025, o Brasil exportou 10,7 milhões de sacas de café verde e industrializado, 11,3% abaixo o volume das remessas de igual ano anterior.

A retração das remessas externas, mais acentuada a partir de março, está associada à volatilidade no mercado proporcionada pelas medidas tarifárias adotadas EUA, pela desvalorização do dólar que desestimula as exportações e a previsão de menor volume de produção brasileira do arábica para a temporada 2025/26, que começou a ser colhida na segunda quinzena de abril. Porém, a abertura de novos mercados, como o sudeste asiático (destaque para a China), seguem como oportunidades a serem exploradas pela cadeia produtiva.

Dificuldades logísticas quanto aos fretes marítimos têm provocado atrasos nos embarques de café, gerando preocupação dos *traders* em razão de perdas de receitas e incidência de custos extras associados com armazenagens adicionais.

Balança Comercial - Café Verde
Acumulado/Ano

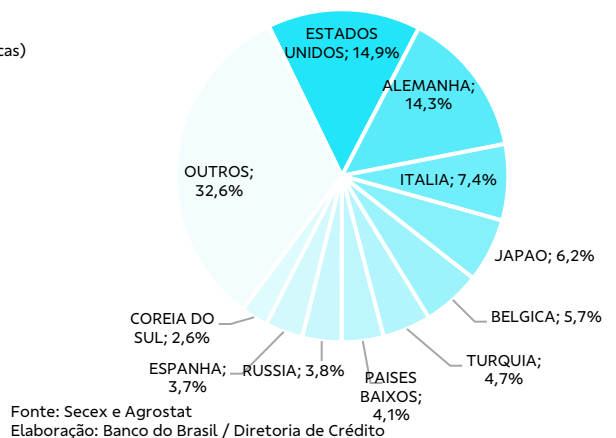


*2025 = Projeção USDA

Fonte: Secex e Agrostat

Elaboração: Banco do Brasil / Diretoria de Crédito

Exportações de Café Verde por Destino
Acumulado - 1º Trim./2025



Fonte: Secex e Agrostat

Elaboração: Banco do Brasil / Diretoria de Crédito

Adicionalmente, atenção deve ser dada aos desafios em termos de sustentabilidade e regulação para acessar mercados exigentes, como da União Europeia, com necessidades crescentes de rastreabilidade no setor para evitar desmatamento, além de esforços para redução de emissão de gases de efeito estufa. Os efeitos devem ser amenizados para o agronegócio brasileiro, caso o Acordo entre Mercosul e UE, de livre comércio entre os blocos, seja referendado pelo bloco europeu. No mesmo sentido, as políticas protecionistas dos EUA podem afetar a dinâmica das exportações do setor nacional que destina 15% das remessas de café para o país norte americano. Ressalte-se que a *commodity* representa 63% da pauta de exportações brasileiras para os EUA.

Destaques – Proteínas Animais

Bovinos

O ano de 2024 foi marcado pelo elevado volume dos abates de animais, característico do ciclo pecuário de descarte de matrizes iniciado ainda em 2022, que refletiu em retração das cotações do boi e, conseqüentemente, nas margens de rentabilidade dos produtores. Por outro lado, os frigoríficos se beneficiaram com custos mais baixos de insumos e pelo aumento do consumo interno em consequência da melhora da renda das famílias. Segundo estatísticas da Conab, a produção brasileira de carne bovina apresentou incremento de 14,6% no período. De acordo com estimativas do USDA para produção em 2025, o Brasil é o 2º maior produtor de carne bovina, com 19,3% do mercado mundial.

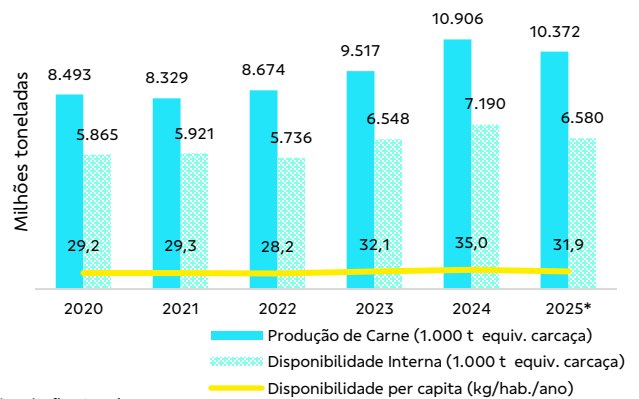
Segundo consultoria especializada, a sinalização de reversão do ciclo pecuário com retenção de matrizes, já iniciado no segundo semestre de 2024, reflete em estimativas de menor oferta de animais para abate em 2025 (queda em torno de 5,5% no ano). A Conab estima retração de 4,9% no volume produzido de carnes bovinas.

Porém, chama a atenção o fato de que, apesar da crescente menor disponibilidade de animais para abate e a dinâmica de reversão já sinalizada, os números recentes de abates de fêmeas ainda surpreendem pela expressividade. A forte demanda, em especial a externa, é o principal estímulo para os pecuaristas seguirem em ritmo alto de descarte.

Custos e Preços – Diante da reversão no ciclo pecuário, o mercado passou a precificar alta no preço dos animais desde o segundo semestre de 2024.

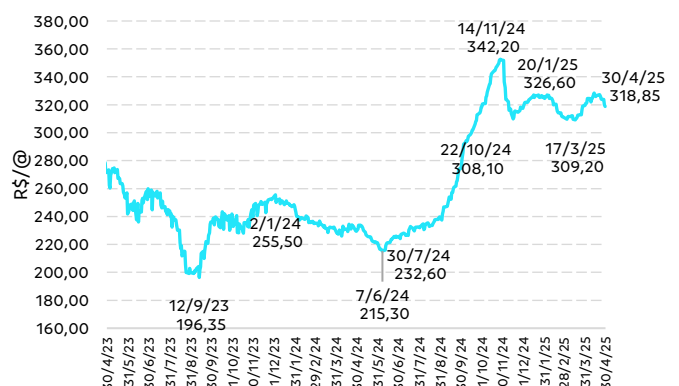
Entretanto, nos primeiros meses de 2025, a arroba do boi gordo apresentou certa volatilidade. Em janeiro, a menor demanda típica de início de ano, associada ao volume de abates que ainda mostrou resiliência, provocou queda das cotações até fevereiro. Importante frisar, conforme apontado por importante consultoria do setor, que a sazonalidade típica no consumo da proteína bovina no início do ano está associada também ao momento em que outros gastos tradicionais do período pesam sobre o orçamento familiar e a substituição por aves, suínos e embutidos, mais acessíveis financeiramente, é favorecida.

Oferta de Carne e Diponibilidade



*Projeção: Conab
Fonte: Conab
Elab.: Banco do Brasil / Diretoria de Crédito

Preço do Boi Gordo à Vista - Cepea/B3



Fonte: Cepea
Elaboração: Banco do Brasil / Dretoria de Crédito

Entre março e abril, os preços seguiram voláteis, mas mais pressionados, impulsionados pelo incremento das exportações para Ásia e Oriente Médio, apoiada nas políticas de abertura de novos mercados e na demanda consistente da China, mantendo os preços superiores aos praticados no mercado interno, mesmo diante de oscilações cambiais, favorecendo os frigoríficos. Por outro lado, no varejo doméstico, o preço médio da carne oscilou pouco, refletindo estabilidade no consumo interno.

De maneira geral, o maior custo do gado e a menor oferta de animais representam desafio para os frigoríficos em relação ao fornecimento de carne bovina e à capacidade de repasse dos preços ao consumidor, podendo refletir em margens financeiras mais restritas. Assim, espera-se uma postura mais contundente da indústria frigorífica sobre os pecuaristas a fim de reduzir a pressão sobre suas margens. Do lado externo, a procura aquecida e o câmbio favorável concentram as melhores condições de rentabilidade para a indústria.

Para o pecuarista focado na cria, o momento mostra-se oportuno para ampliar as margens após período de grande descarte de matrizes em idade reprodutiva. Já para o pecuarista que trabalha com recria e engorda, é esperado que as categorias de reposição fiquem mais caras, trazendo pressões aos custos.

Na criação, ainda, os custos seguem elevados devido aos preços de insumos importados veterinários e de sanidade animal, que são impactados pela desvalorização cambial, além da reação observada no preço do milho, insumo utilizado na complementação alimentar, cuja expectativa é de cotação sustentada no curto prazo. Entretanto, de maneira geral a expectativa é de margens beneficiadas no campo diante da tendência de alta nos preços da proteína.

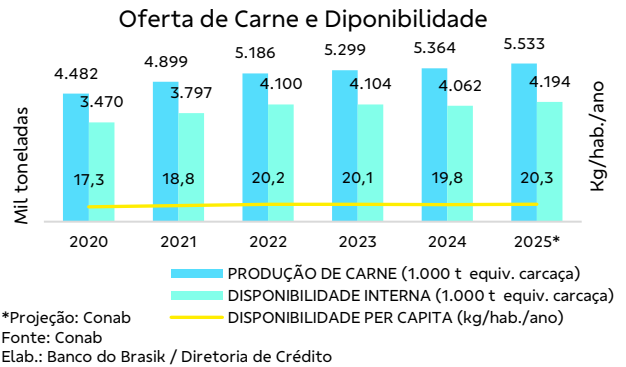
Exportações – O Brasil permanece como maior fornecedor mundial de proteína bovina, detendo 28,7% das remessas globais no primeiro trimestre de 2025. Os embarques de carne bovina brasileira mostram crescimento, em linha com a abertura de novos mercados aos frigoríficos nacionais e a ampliação dos existentes. A abertura de novos mercados é uma forma de reação à estratégia do governo chinês, principal destino das remessas de cortes bovinos brasileiros, de reduzir as compras oriundas do Brasil, de modo a diminuir a dependência externa e os custos de importação. Ainda assim, a China continua sendo o principal destino da proteína brasileira, absorvendo em torno de 42% das remessas do país (dados acumulados de jan-mar/25), seguido dos EUA (13,1%) e o Chile (4,5%).

Em que pese o bom desempenho recente, os riscos associados aos atuais conflitos geopolíticos no cenário internacional, em especial no Oriente Médio, onde o Brasil tem aumentado as parcerias comerciais do setor, exigem atenção, dado os potenciais impactos nos negócios com a região. Adicionalmente, as incertezas quanto às políticas protecionistas do governo estadunidense e seus impactos sobre as vendas brasileiras estão no radar do governo e dos agentes do setor em razão do percentual das exportações brasileiras que são enviadas aos EUA. Porém, não se descarta a hipótese de que essas medidas protecionistas poderão até beneficiar o Brasil mediante redirecionamento de compras de outros países para o Brasil.

O câmbio desvalorizado segue favorável ao mercado exportador brasileiro, garantindo a competitividade em termos de preços, além da qualidade da proteína brasileira. Nesse contexto, mesmo considerando o cenário de menor oferta de animais pelo Brasil, para 2025, as estimativas iniciais, segundo consultorias de mercado, apontam para incremento de 2,3% nas vendas externas.

Suíños

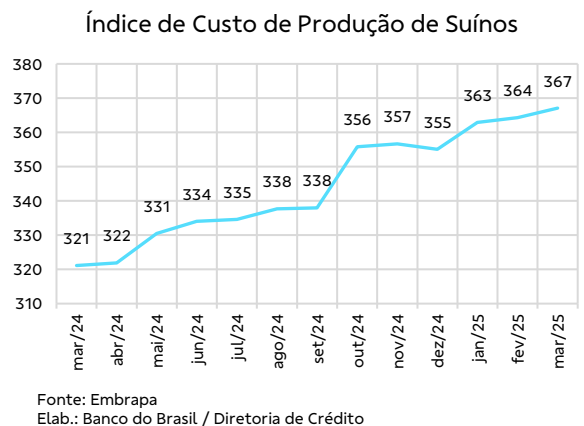
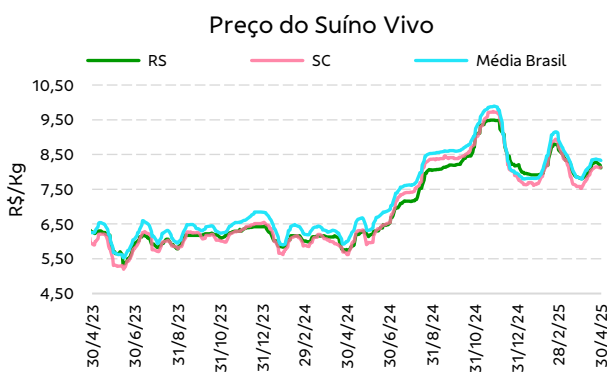
Na esteira da demanda externa aquecida, os frigoríficos de suínos encerraram 2024 com incremento da produção em 1,2%, segundo a Conab. No segundo semestre, o consumo interno também apresentou-se mais aquecido para a proteína suína em detrimento dos cortes bovinos que seguiam em trajetória de elevação de preços. Para 2025, as estimativas são de aumento aproximado de 3,1% no volume de cortes de suínos, devendo se manter próximo a 5,53 milhões de toneladas, o que seria recorde de produção.



Os frigoríficos nacionais apostam na continuidade da atratividade da demanda externa para justificar o aumento da produção da proteína suína. Além disso, a continuidade de preços pressionados para os cortes de bovinos devem seguir redirecionando o consumo para proteínas substitutas, de menor valor agregado e mais acessíveis às famílias. Nesse contexto, as projeções para a disponibilidade interna apontam incremento em torno de 3,3% no ano.

Segundo o USDA e a partir de dados de produção estimados para 2025, o Brasil segue como o 4º maior produtor mundial de proteína suína (3,9% da produção global), ficando atrás apenas da China (48,9%), União Europeia (18,0%) e EUA (10,9%).

Preços e Custos – Em relação aos preços, o desempenho das exportações brasileiras, que seguem aquecidas, e a forte demanda interna, favorecida pela melhora no mercado de trabalho e na renda das famílias, vêm sustentando a valorização dos preços de comercialização do suíno vivo no mercado, que atingiu máximas históricas no 2º semestre de 2024. Além disso, o movimento de alta da proteína bovina, com o início da reversão do ciclo do boi, observada no período, redirecionou parte do consumo para suínos, mais acessíveis aos consumidores de baixa renda. Já a retração dos preços no início de 2025 foi decorrente da sazonalidade natural do consumo para a época do ano. Porém, o alto volume de abate, intensificado recentemente, também tem trazido alguns movimentos de perda de força nos preços.



Em relação aos custos de produção, o índice do custo da Embrapa mostrou incremento de 14,3% nos últimos 12 meses encerrados em março. Destaque para o avanço nos preços da ração animal (13,3%) e no custo de transporte (51,6%). Vale ressaltar que os incrementos nos preços do milho, insumo básico da ração animal adotada na suinocultura, foi um dos principais responsáveis pela elevação observada. A ração corresponde a 72,6% dos custos de produção do segmento criador, enquanto transportes corresponde a 3,7%.

Já os custos com genética e sanidade animal, no mesmo período, também colaboraram para o encarecimento da produção suína, por meio do reflexo da desvalorização cambial, embora sua participação na estrutura de custos da atividade equivale a apenas 5,5% do total.

Ainda que os frigoríficos exerçam certa pressão sobre as margens do produtor, de modo a limitar o repasse dos custos à indústria, é possível perceber nos preços mais elevados dos cortes de suínos certo impacto dos custos de produção, além do efeito oriundo da demanda aquecida.

Mercado Externo – No primeiro trimestre de 2025, o Brasil apresentou o maior volume de exportações no comparativo ao mesmo período desde 2022. De janeiro a março de 2025, comparativamente ao mesmo período do ano anterior, o incremento atingiu 17,9%. O volume das exportações de carne suína no período com destino à China e Hong Kong, juntas, totalizaram 27,3% das remessas da proteína ao exterior. Contudo, a demanda chinesa pelo produto vem se reduzindo paulatinamente em decorrência da recuperação do plantel daquele país, embora o país asiático continua sendo o principal destino da proteína suína brasileira.

Em meio a esse cenário, o Brasil tem trabalhado no sentido de ampliar as parcerias internacionais, negociando a abertura de novos mercados e ampliando os existentes, como ocorreu durante o ano de 2024, com destaques para as vendas às Filipinas, México, Chile, Rússia e países do Oriente Médio, como a Arábia Saudita, Iraque e Emirados Árabes Unidos. Entretanto, os conflitos geopolíticos entre Rússia e Ucrânia e as tensões no Oriente Médio seguem exigindo atenção, tendo em vista os potenciais impactos sobre a demanda, além de maiores custos com a logística de transporte e distribuição do produto.

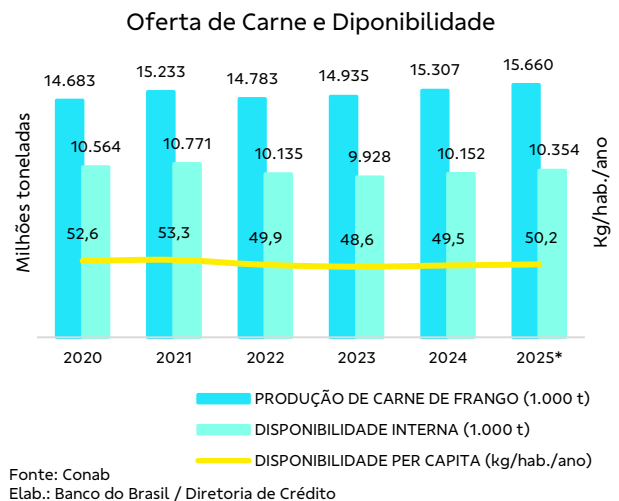
A competitividade brasileira no mercado internacional tem sido favorecida pela desvalorização do real e pela perda de espaço da União Europeia no mercado, que enfrenta desafios internos, como normas restritivas de bem-estar animal e altos custos de produção, além de problemas de sanidade animal com a proliferação de casos de febre suína africana em alguns países europeus. O Brasil também se destaca pela qualidade da carne produzida, além do rigoroso controle fitossanitário para combater eventuais entradas no país de animais que venham a contaminar o plantel produtivo nacional.

As tarifas impostas pelos EUA sobre importações não devem afetar o segmento, uma vez que as vendas para aquele país são irrisórias. No entanto, a China suspendeu a compra de mais de 12 mil toneladas de carne suína dos EUA em meio às sobretaxas incidentes sobre o país asiático em abril. Tal medida poderá beneficiar o Brasil, que pode voltar a elevar suas vendas para o mercado chinês, além de obter novos mercados para a proteína brasileira por países que desejem buscar alternativas ao suíno norte-americano.

Frango

Na esteira da estimativa de abate de frangos no país, o mercado sinaliza para o incremento na produção da proteína pelos frigoríficos nacionais em 2025. Os fatores que motivam essa dinâmica vêm da demanda externa aquecida e da tendência de maior consumo do mercado interno pela proteína avícola, uma vez que a reversão do ciclo da bovinocultura já está refletindo em altas de preços de cortes bovinos, levando os consumidores a substituírem a proteína pela de frango e suínos.

A estimativa da Conab aponta para aumento da disponibilidade interna da proteína em 2,0% no ano de 2025. Pesquisa realizada pela Associação Brasileira de Proteína Animal mostra que o consumo de cortes nobres cresceu 8% no último mês em comparação com cortes tradicionais. Esse movimento reflete o interesse do consumidor brasileiro por produtos diferenciados, embalados e prontos para o preparo.

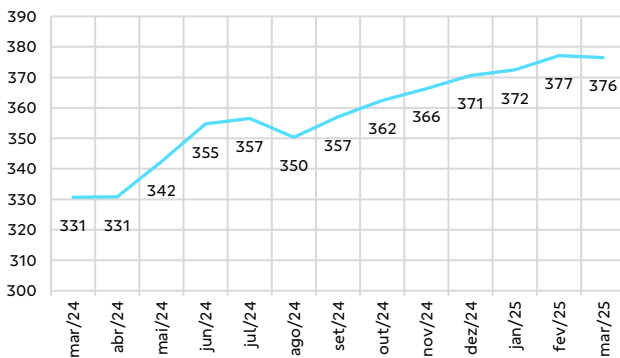


De acordo com o USDA, o Brasil se manteve entre os 3 maiores produtores mundiais da carne de frango em 2024, com 17,7% da produção, atrás da China em apenas 0,3 ponto percentual (p.p.). Os EUA seguem na liderança, detendo 25,2% da produção mundial.

Custos e Preços – O índice do custo de produção de frangos no Brasil apresentou incremento de 13,86% nos últimos 12 meses encerrado em março. Os custos com ração, genética animal e sanidade foram os que mais cresceram no período, com aumentos de 15,97%, 16,42%, 9,02%, respectivamente. Da composição total dos custos de produção animal, os itens listados representaram em março, 84,19% do total, sendo ração animal equivalente a 67,84%.

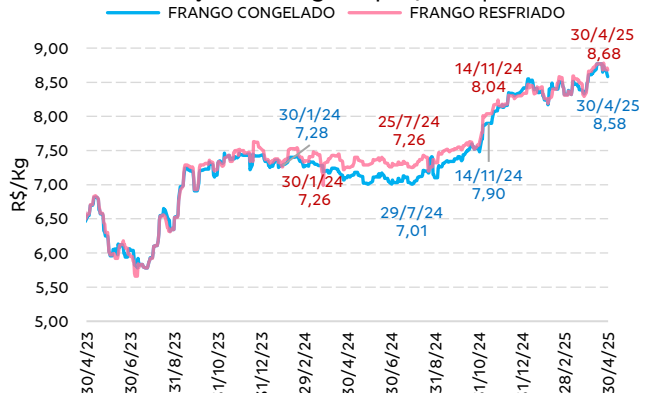
O preço do milho, insumo básico da ração animal na avicultura, foi o principal responsável pela elevação recente do custo do frango. Já os custos com genética e sanidade animal tem seu incremento fortemente associado à desvalorização cambial, uma vez que se trata de insumo em grande parte importado. Porém, em março, foi observada leve contração do índice de custo de produção, o que pode estar associado a desvalorização do dólar nesse período e seus efeitos sobre os custos dolarizados (genética e sanidade animal).

Índice de Custo de Produção de Frangos



Fonte: Embrapa
Elab.: Dicre

Preço do Frango Cepea/Esalq - SP



Fonte: Cepea
Elab: Banco do Brasil / Diretoria de Crédito

Os maiores gastos nas granjas impulsionam os custos de aquisição de animais por parte dos frigoríficos, principalmente daqueles que não trabalham em sistema de integração. Porém, o poder de negociação dos frigoríficos tende a retirar margem dos produtores, que enfrentam dificuldades de repassar os custos para a indústria. Ressalte-se que na produção nacional total da cadeia produtiva, 89% dos custos de produção estão concentrados nos frigoríficos.

Já em referência aos preços da carne de frango ao consumidor final, a trajetória de alta persiste desde o segundo semestre de 2024, mostrando aquecimento da demanda e forte ritmo de consumo, além de capacidade de repasse dos preços na indústria e no varejo.

Essa trajetória ascendente dos preços deve perdurar em boa parte de 2025, diante do suporte encontrado na demanda externa e interna, nesse caso com efeitos da confirmação da reversão do ciclo da pecuária bovina, o que deverá favorecer também as margens de rentabilidade dos frigoríficos nacionais, porém limitado pela capacidade de absorção do crescimento dos preços pelos consumidores.

Mercado Externo – A cadeia produtiva brasileira de frangos representa cerca de 48% da produção nacional do complexo de carnes, sendo o principal produto das vendas externas de proteína animal. A demanda externa permanece aquecida e impulsionando as exportações nacionais, tendência que vem sendo observada nos primeiros meses do ano e com perspectiva de persistir ao longo de 2025. O câmbio desvalorizado, a qualidade da carne brasileira, a abertura de novos mercados e o rígido controle fitossanitário da produção nacional, dentre outros fatores, favorecem os negócios no exterior.

As remessas ao exterior registraram leve alta no 1º trimestre de 2025. Os destaques são as remessas para a China (10,4%), Emirados Árabes Unidos (8,2%), Arábia Saudita (7,7%), Japão (6,4%), África do Sul (5,9%), Filipinas (5,1%), México (3,9%), Coreia do Sul (3,5%) e Iraque (3,4%), com o país ampliando as parcerias internacionais e a abertura de novos mercados.

Entretanto, os conflitos geopolíticos, em especial as tensões no Oriente Médio, seguem exigindo atenção do setor, tendo em vista que vários destinos das remessas brasileiras estão na região. Consultores do setor avícola recomendam também a ampliação do número de destinos das exportações para mitigar riscos ligados à oscilação do câmbio e à instabilidade dos principais compradores tradicionais, como China e Rússia.

O Brasil segue atento ao impacto das medidas protecionistas dos EUA no comércio global, ainda que a participação estadunidense nas remessas de proteína avícola do país seja inexpressiva. As tensões comerciais podem beneficiar o comércio de aves com agentes externos redirecionando suas compras para o mercado brasileiro, uma vez que o Brasil pode ser visto como alternativa para que esses países reduzam sua dependência do mercado norte-americano.

Empresas já redirecionam investimentos em rastreabilidade, bem-estar animal e sustentabilidade, buscando conquistar e ou ampliar presença em destinos como União Europeia e Japão, onde as barreiras técnicas são maiores.

Destaques – Insumos Agrícolas

O desempenho do macrossetor insumos agrícolas continua sendo influenciado por uma combinação de fatores que vem impactando os segmentos que o compõem, notadamente quanto aos resultados das atividades no campo onde estão localizados os seus clientes e dos quais depende diretamente. Apesar das melhoras do desempenho das lavouras na safra 2024/25, preços ainda depreciados de algumas importantes commodities, custos em patamar elevado, inadimplência na cadeia produtiva e pedidos de recuperação judicial ainda deixam fortes impactos para parte dos agentes, especialmente aqueles menos capitalizados.

Com relação ao segmento de fertilizantes, espera-se aumento de 3% nas vendas ao longo deste ano, que já iniciou com ritmo de compra mais acelerado. As melhores condições climáticas e efeitos da produção recorde da safra 2024/2025 também favorecem essa dinâmica por meio de melhora na renda agrícola e na maior necessidade de nutrientes no solo. Na indústria, a produção de fertilizantes nitrogenados e fosfatados repete o desempenho do ano passado, com incremento de 4% para 2025, estimulada, inclusive, pela instalação de novas plantas, o que pode reduzir, em alguma medida, a dependência de importações no futuro. Recentemente, foi veiculado na mídia que importante *player* do mercado, que havia reduzido suas atividades de produção em 2024, anunciou novos investimentos da ordem de R\$ 200 milhões para o incremento da produção de fertilizantes, com a reativação de uma fábrica em Paranaguá (PR), ampliação de outra no Rio Grande (RS) e estudo para construção de planta no Mato Grosso (MT).

O Brasil é o maior consumidor mundial de defensivos agrícolas e as vendas do segmento, que cresceram 5,0% em 2024, tendem a continuar na mesma direção em 2025. Esse crescimento é impulsionado pela crescente necessidade de uso de defensivos nas lavouras. No entanto, embora a expressiva atividade rural do país influencie positivamente os negócios nas cadeias de insumos agrícolas, além do clima mais ameno estar beneficiando os produtores no campo no presente ciclo, a recuperação mais consistente de parte dos agricultores e das empresas de defensivos, após os efeitos adversos da safra 2023/2024 e do ambiente atual com taxas de juros em patamar contracionista, deve se concretizar de forma lenta e gradual.

Em relação ao mercado de sementes, os sucessivos aumentos na produção está alinhada com a expansão das principais culturas agrícolas e a crescente adoção de organismos geneticamente modificados (OGM). Alinhado a esse movimento, estima-se que as aquisições seguirão crescendo com o ritmo de expansão das lavouras no país e a busca por ganhos de produtividade. No entanto, além da necessidade de consolidação da recuperação mais consistente no campo, a falta de um marco legal para novas tecnologias acaba limitando as inovações no setor e dando margens para a produção de sementes “piratas” que geram perdas expressivas no mercado. Segundo estimativa da Associação Brasileira de Sementes e Mudanças (Abrasem), o comércio ilegal de sementes gera prejuízos de aproximadamente R\$ 2,5 bilhões ao ano no Brasil.

As empresas de máquinas e implementos agrícolas enfrentaram dificuldades acentuadas nos últimos anos. A produção e as vendas caíram, respectivamente, 14,6% e 19,8% em 2024, mesmo após já ter retraído 11,4% e 13,2% em 2023. As condições adversas no campo nesse período, além do patamar contracionista da taxa de juros, foram fatores decisivos para os produtores rurais adiarem investimentos em equipamentos novos. Para 2025, espera-se início de recuperação do setor em termos de produção (1%) e vendas (0,5%), segundo a Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), ainda que distante de recuperar as perdas observadas nos últimos anos. Já em faturamento, a Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq), antes do anúncio das tarifas nos EUA, esperava crescimento de 8,2% para o ano. Destaque-se que o segmento exporta 17% da produção, sendo 10,5% destas destinadas aos EUA. Dessa forma, alterações de tarifas de exportações pelos EUA, na forma divulgada recentemente, pode agravar as dificuldades do segmento, especialmente para as menores empresas nacionais com atuação naquele mercado.

Destaques – Ambiente para o comércio externo do agronegócio brasileiro

O Brasil se destaca no mercado internacional como grande produtor e exportador de *commodities* agrícolas para todos os continentes. No entanto, os grandes *players* do mercado, entre eles o Brasil, acompanha, com certa cautela, os efeitos das aplicações de medidas protecionistas pelo novo governo republicano nos EUA aos demais países parceiros comerciais, como “medida de proteção” ao mercado interno daquele país. Essas medidas incluem também o comércio de produtos agropecuários e seus derivados.

Alguns segmentos do agro brasileiro esperam um possível efeito positivo indireto das medidas do governo Trump sobre as vendas do Brasil ao mercado externo. A aplicação de sobretaxas no comércio dos EUA com a China, com conseqüente retaliação, oferece oportunidade para o agronegócio brasileiro aumentar suas exportações para a China, podendo beneficiar as cadeias produtivas da soja e milho, além do segmento de proteína animal, setores nos quais a China já é grande compradora do Brasil.

Consultorias brasileiras ligadas ao setor apontam para o fato de que outros mercados também podem se beneficiar do fortalecimento do comércio agrícola brasileiro. O Brasil poderia assumir posição estratégica para países que buscam reduzir sua dependência dos EUA.

Por outro lado, produtos como café, suco de laranja, proteína animal e do complexo sucroalcooleiro são exportadores para os EUA e estariam mais diretamente expostos negativamente às tarifas adicionais recém anunciadas de 10%, além de produtos florestais (destaque para papel e celulose).

Em relação ao mercado europeu, em dezembro de 2024, os líderes do Mercosul e da União Europeia anunciaram, em Montevidéu, a conclusão das negociações do acordo de parceria entre os blocos. Para efetivação, o acordo ainda exige aprovação do capítulo comercial no Parlamento Europeu e deliberação em cada país no que tange aos demais pilares do Acordo. Já no Mercosul, basta a aprovação individual em cada país para iniciar a validade na respectiva jurisdição.

Embora ainda existem passos para efetivação do acordo, a assinatura representa um avanço importante após 25 anos de negociação entre os blocos e traz perspectivas positivas para expansão das exportações brasileiras do agronegócio, que já possui pauta exportadora representativa para países do bloco europeu. Nesse sentido, considerando que o acordo prevê o estabelecimento de limites permanentes para futura entrada de produtos do Mercosul na UE, os segmentos que tendem a ser mais beneficiados pelas cotas previstas de acesso à UE são Aves e Suínos. O estabelecimento do acordo no atual cenário protecionista dos EUA poderia beneficiar ambos os mercados, surgindo como alternativa às eventuais sobretaxas que venham a ser praticadas contra a União Europeia e o Brasil.

Por outro lado, a *European Union Deforestation Act (EUDR)*, lei que tem por objetivo reduzir o impacto da UE no desmatamento global, mediante proibição da entrada e circulação de produtos originados de áreas desmatadas no país de origem, tem início de vigência previsto para 31.12.2025. Embora ainda não exista regulamentação com maior detalhamento em relação às exigências para os exportadores, o Brasil exporta atualmente produtos abrangidos pela Lei, notadamente relacionados ao agronegócio (80% das exportações contempladas na Lei), sendo 58% dessas relativas a soja, 38% ao café, 3,5% à bovinocultura e 0,6% ao cacau. No entanto, o Brasil já cumpre algumas exigências legais exigidas atualmente pela UE nas exportações de *commodities* agropecuárias, que vão desde o controle rígido com selos de qualidade do produto, certificados de procedência e rastreabilidade, que, em alguma medida, deve auxiliar no processo de adaptação.

Disclaimer

- LEIA O FORMULÁRIO DE INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES, A LÂMINA DE INFORMAÇÕES ESSENCIAIS, SE HOUVER, E O REGULAMENTO ANTES DE INVESTIR.
- DESCRIÇÃO DO TIPO ANBIMA DISPONÍVEL NO FORMULÁRIO DE INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES.
- RENTABILIDADE OBTIDA NO PASSADO NÃO REPRESENTA GARANTIA DE RESULTADOS FUTUROS.
- O INVESTIMENTO EM FUNDO NÃO É GARANTIDO PELO FUNDO GARANTIDOR DE CRÉDITO - FGC.
- A RENTABILIDADE DIVULGADA NÃO É LÍQUIDA DE IMPOSTOS.
- PARA AVALIAÇÃO DA PERFORMANCE DE UM FUNDO DE INVESTIMENTO, É RECOMENDÁVEL A ANÁLISE DE, NO MÍNIMO, 12 (DOZE) MESES.
- A BB ASSET SE EXIME DE QUALQUER RESPONSABILIDADE POR QUAISQUER PREJUÍZOS, DIRETOS OU INDIRETOS, QUE VENHAM A DECORRER DA UTILIZAÇÃO INDEVIDA DESTES MATERIAIS OU SEU CONTEÚDO.
- ESTE MATERIAL É DISTRIBUÍDO UNICAMENTE A TÍTULO INFORMATIVO, E NÃO DEVE SER CONSIDERADO ISOLADAMENTE PARA TOMADA DE DECISÃO DE INVESTIMENTO. TEM COMO OBJETIVO AUXILIAR O CLIENTE EM SUAS DECISÕES DE INVESTIMENTO, NÃO CONSTITUINDO QUALQUER TIPO DE OFERTA OU SOLICITAÇÃO DE COMPRA E/OU VENDA DE QUALQUER PRODUTO. ANTES DE QUALQUER DECISÃO, O CLIENTE DEVERÁ REALIZAR O PROCESSO DE SUITABILITY E CONFIRMAR SE OS PRODUTOS APRESENTADOS SÃO INDICADOS PARA O SEU PERFIL DE INVESTIDOR. ESTE DOCUMENTO NÃO LEVA EM CONSIDERAÇÃO OS OBJETIVOS DE INVESTIMENTOS, SITUAÇÃO FINANCEIRA OU NECESSIDADES ESPECÍFICAS DOS INVESTIDORES, DE FORMA PARTICULAR.
- ESTE MATERIAL NÃO SUGERE QUALQUER ALTERAÇÃO DE CARTEIRA, MAS SOMENTE ORIENTAÇÃO SOBRE PRODUTOS ADEQUADOS A DETERMINADO PERFIL DE INVESTIDOR. A BB ASSET MANAGEMENT NÃO SE RESPONSABILIZA POR QUALQUER DECISÃO TOMADA PELO CLIENTE COM BASE NAS ORIENTAÇÕES AQUI CONTIDAS.
- AS INFORMAÇÕES DO CONSULTOR NÃO REFLETEM NECESSARIAMENTE PROJEÇÕES E/OU EXPECTATIVAS DA BB ASSET





BB ASSET MANAGEMENT

**Busque mais para
os seus investimentos**

www.bbasset.com.br

[Linkedin.com/showcase/bbasset](https://www.linkedin.com/showcase/bbasset)